DOMÍNIO INCONTESTÁVEL

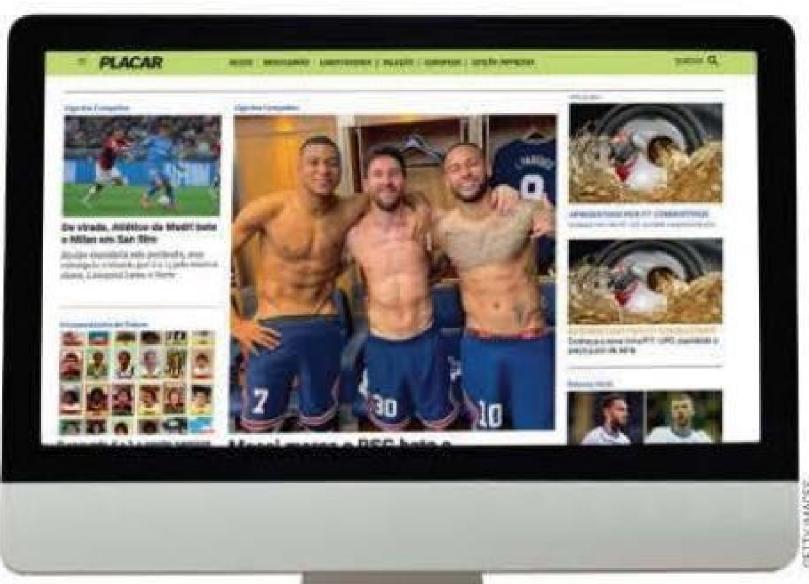
Em 2020, o Palmeiras ficou com a Libertadores e a Copa do Brasil, e o Flamengo, com o Brasileirão: em 2021 a luta continua, e o último round acontecerá em Montevidéu

As torcidas dos outros times dizem ter perdido a graça, porque a força da grana ergue e destrói coisas belas. Mas rubro-negros e alviverdes não param de sorrir, e com razão. Flamengo e Palmeiras parecem mesmo estar alguns andares acima de todos os outros clubes brasileiros, e não seria exagero dizer que olham de longe até mesmo agremiações da Argentina, inclusive o River Plate e o Boca Juniors. Sim, o Atlético-MG ensaiou estragar a festa continental, mas não conseguiu. Resumo da ópera: os cariocas da Gávea e os paulistanos das Perdizes estão com tudo e não estão prosa. A hegemonia é abissal, especialmente de 2018 para cá. O Palmeiras foi campeão brasileiro em 2018. Em 2019, o Flamengo ficou com a taça nacional e ainda arrastou para casa a Libertadores. Em 2020, o Fla ficou com o bi do Brasileirão e deixou a Libertadores com o Verdão — além da Copa do Brasil. E, então, agora em 2021, deram para decidir em Montevidéu, em 27 de novembro, quem é o maioral.

Não há dúvida, dinheiro faz diferença, com a capacidade dos dois times de contratar os melhores jogadores e excelentes treinadores. Em 2020, o ano da pandemia, o Flamengo acumulou 682 milhões de reais de receita total, de acordo com ranking PLACAR/Itaú BBA. O Palmeiras, logo atrás, 650 milhões de reais. Em direitos de televisão, o time de São Paulo arrecadou 300 milhões de reais e o do Rio, 267 milhões de reais, na primeira e segunda colocação do ranking. Tudo indica que a primazia permanecerá ainda por um bom tempo, como revelam as reportagens a partir da página 14. Antes que nos acusem de clubismo: as páginas do Flamengo vêm antes das do Palmeiras apenas porque a turma de Renato Gaúcho teve desempenho um pouquinho melhor do que a de Abel Ferreira na Libertadores, e chega à final invicto. Mas toda criança sabe que a ordem dos fatores não altera o produto.

* * *

PLACAR sempre gostou de estar em linha com seu tempo e suas circunstâncias. Nos anos 1970 — sem internet, sem redes sociais e com a televisão ainda na adolescência —, a periodicidade semanal de uma revista de esportes era quase um imperativo. Hoje não é mais assim. As edições mensais cumprem, com galhardia, a missão de bem informar e divertir. E, entre um mês e outro, há vida, muita vida, na internet. PLACAR acaba de estrear um site para chamar de seu, renovado, redesenhado, robusto. Vá lá, todos os dias, todos os minutos: placar.abril.com.br. ■

GETTY IMAGES

O novo site de PLACAR: renovado, porque a notícia não escolhe hora para acontecer

CAPA: RODRIGO CORSI/FPF; ALEXANDRE BATTIBUGLI; CESAR GRECO/PALMEIRAS; ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO

ÍNDICE

PRORROGAÇÃO

Tamires e Grazi: no inédito dérbi da final do Brasileirão, deu Timão em Itaquera

CRISTIANE MATTOS/CBF

revistaplacar | @placar | @RevistaPlacar | placar.abril.com.br | placar@abril.com.br

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond e Luca Castilho (reportagem)

www.placar.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1480 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

GRUPO Abril
www.grupoabril.com.br

NEYMAR JR
10
10

UM FEIO *PAPELÓN!*

O iconoclasta diário argentino *Olé* não teve dúvida: *"Sin vergüenza. Papelón mundial"*. O *Clarín*, mais sério, cravou: "Escândalo". Galvão Bueno, na Globo, resumiu a valsa: "Por que chegamos a esse ponto, de mostrar essa vergonha do futebol mundial?". Papelão, escândalo, vergonha. Foi tudo isso o que se viu em Itaquera, aos cinco minutos de jogo do clássico Brasil e Argentina, em 5 de setembro. Autoridades da Anvisa interromperam a partida para tirar de campo dois argentinos que, tendo vindo da Inglaterra, deveriam respeitar a quarentena. A pergunta que não quis calar: por que as autoridades sanitárias precisaram esperar o apito do juiz para entrar em cena? O resumo da ópera: a cena, risível, é retrato da bagunça das autoridades federais brasileiras na lida contra a pandemia de Covid-19.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

#RESPEITAOPAI MAGRINHO

Que a barriguinha estava um pouco saliente, estava sim. Mas Neymar ficou bravo ao ser acusado de aparecer fora de forma na magra vitória por 1 a 0 contra o Chile, em Santiago, pelas eliminatórias da Copa. Na partida seguinte, em 9 de setembro, ele fez um dos gols na vitória contra o Peru. Chegou a 69 tentos, oito a menos que Pelé com a amarelinha. E como Neymar é Neymar, e não perde chance de provocação, levantou a camisa, mostrou os músculos do abdômen e postou: “Gordinho bom de bola. #respeitaopai”. Tá combinado.

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

UMA "PATADA" DE PAZ

A brasileira Marisa Nobile, funcionária da Associação Suíça de Futebol, conhecia Cristiano Ronaldo desde 2014. Naquele ano, ela ficou fula da vida porque o craque português, então no Real Madrid, não saía de campo ao fim de uma partida contra o Basel. Marisa não escondia de ninguém: achava CR7 mascarado. Na estreia da Champions de 2021, contudo, o atacante — agora no Manchester United — acertou uma bolada na moça. Ele a acudiu e ainda a presenteou com uma camisa. "Agora sou a Ronaldete número 1", disse.

WW HOT
00 800 10

A GRAMA DO VIZINHO

Falta mais de um ano para a final da Copa do Mundo de 2022, mas os organizadores do torneio no Catar não perdem tempo. O gramado do Estádio de Lusail, palco da final, próximo a Doha, acaba de ser instalado e divulgado com pompa e circunstância. As autoridades querem fazer do futebol a vitrine de modernidade para um país que deseja crescer e aparecer. A dificuldade: denúncias de maus-tratos e trabalho análogo à escravidão nas obras de construção das instalações esportivas.

AFP

UMA NOVA

A celebração dos dois lados: só um deles porá as mãos na taça continental

MONTAGEM COM FOTOS DE ERNESTO RYAN/GETTY IMAGES; CESAR GRECO; TWITTER @FLAMENGO

RIVALIDADE

Há tempos o Brasil não tem um clássico interestadual tão apimentado como Flamengo x Palmeiras. Rivais em campo e nas finanças, cariocas e paulistas dominaram o cenário nos últimos anos e agora brigam pela glória máxima — mas só um deles terá o tri da Libertadores

Luiz Felipe Castro

MANUEL VELASQUEZ/GETTY IMAGES

INSTAGRAM @ORTANNURE

O presidente do Flamengo, Rodolfo Landim *(de gravata)*, ao lado de Bolsonaro, que se diz palmeirense: mistura de política e futebol

Costurada pelo sucesso dos Estaduais, que até pouco tempo tinham enorme relevância, a história do futebol brasileiro consagrou rivalidades locais. Atlético x Cruzeiro, Inter x Grêmio e Bahia x Vitória são alguns dos candidatos a maior clássico do país. Paulistas e cariocas, separados por apenas 430 quilômetros da Via Dutra ou 45 minutos de ponte aérea, também se acostumaram a manter suas rixas em casa, até pelo fato de cada estado ter quatro clubes grandes. Vive-se, agora, no entanto, uma nova era de rivalidade interestadual pintada de vermelho, preto e verde. Há pelo menos cinco anos, Flamengo e Palmeiras disputam o posto de clube mais poderoso do Brasil. Faltava um grande tira-teima. Não faltará mais.

Em 27 de novembro, no mítico gramado do Estádio Centenário, em Montevidéu, no Uruguai, eles decidem a Copa Libertadores. Como na final da Copa do Mundo de 1970, entre Brasil e Itália, um dos dois sairá de campo tricampeão — e, de quebra, poderá tirar onda como o grande esquadrão do país. De 2016 para cá, as equipes conquistaram quatro de cinco edições do Campeonato Brasileiro — 2016 e 2018 o Palmeiras, 2019 e 2020 o Flamengo. Além disso, cada um levou uma Libertadores e mais uma série de canecos.

A história recente até registrou rivalidades que cruzaram fronteiras e deixaram resquícios, como Flamengo x Atlético Mineiro, na década de 80, ou Corinthians x Inter, no início dos anos 2000. Nesses casos, porém, foram as arbitragens controversas e bravatas de cartolas que elevaram o tom. Desta vez, como nos tempos do Santos de Pelé contra o Botafogo de Garrincha, o embate é essencialmente esportivo, com inevitáveis faíscas que extrapolam o gramado — e também econômico, afinal, custa caro manter elencos qualificados. Que o diga Leila Pereira, da Crefisa, que põe algo em torno de 120 milhões de reais por ano no Verdão *(leia na pág. 22)*.

INSTAGRAM @LEILAPEREIRA

Leila Pereira, dona da instituição financeira Crefisa: bolada anual para o Verdão

ACERVO PLACAR

O Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha: a beleza de um duelo dos anos 1960

O novo confronto começou em 2016, quando os times disputavam cabeça a cabeça o título do Brasileirão. O troféu ficaria com a turma de Cuca e Gabriel Jesus, enquanto os flamenguistas tiveram de aguentar as piadas sobre um tal "cheirinho", resposta ao suposto "cheiro de campeão" que os cariocas diziam sentir, numa galhofa pueril. O aroma de provocação se repetiu em 2018. O decacampeonato palmeirense foi selado em São Januário, contra o Vasco, e, ao pegarem a ponte aérea no Aeroporto Santos Dumont, atletas do Palmeiras debocharam diante de uma loja do Flamengo. A vingança do rubro-negro veio no mágico ano de 2019. Os versos de "o Palmeiras não tem Mundial", em ritmo de pagode, embalaram a festa do Brasileirão e da Libertadores. Gabigol, um provocador nato, puxou a fila. Ele, aliás, gosta de alimentar essa rixa desde os tempos de Santos e já pode se considerar um carrasco: foram onze gols em vinte duelos contra o Palmeiras na carreira. Nas redes sociais, o choque é constante, inclusive de cunho político, porque o Flamengo presidido por Rodolfo Landim deu as mãos a Bolsonaro e não a solta de jeito nenhum *(leia na pág. 18)*.

Até este ano, a única decisão continental entre as equipes era a da Mercosul de 1999, um título menor, apesar do festival de gols (4 a 3 para o Flamengo no Maracanã, e 3 a 3 no velho Palestra Itália) e de ter tirado os cariocas de uma fila de dezoito anos sem título internacional. O segundo duelo, válido pela Supercopa do Brasil, em 11 de abril deste ano, teve roteiro semelhante em Brasília: belos gols, empate em 2 a 2 e taça flamenguista. O Palmeiras agora quer vingança e no melhor palco possível. Será o ápice de uma rivalidade inédita. Quem ficará com o tri? ■

bs2
Banco
AZEITE
ROYAL
bs2
Banco

Uma dupla de coração: Bruno Henrique, autor de quatro gols nas partidas da semi contra o Barcelona de Guayaquil, e Gabigol

BRUNA PRADO/GETTY IMAGES

A BOA FAMA DE MALVADÃO

O Flamengo sofreu para voltar a erguer taças. Impiedoso em campo, ruidoso fora dele, o time desperta amor ou ódio, mas nunca indiferença

Klaus Richmond

Eduardo Bandeira de Mello tinha um claro objetivo quando venceu as eleições no Flamengo, em dezembro de 2012. Um dia antes de ser empossado, o clube formalizaria a desistência da contratação do atacante Robinho, principal reforço cogitado. "Em virtude do valor solicitado para a realização do negócio, achamos por bem, neste momento, não seguir adiante nas negociações", informava, em nota divulgada à imprensa. Nos primeiros dias de janeiro de 2013, com menos de um mês no cargo, outra baixa inesperada: a liberação do atacante Vagner Love, o principal nome e o maior salário do elenco. A motivação era pôr em dia uma dívida pendente com o CSKA Moscou. Eram tempos de vacas magras. "Queremos cortar custos, trabalhar com valores dentro da realidade financeira do clube", dizia Bandeira à época.

De 2013 a 2018 o rubro-negro conquistou apenas três dos 23 troféus disputados. Dois deles modestos, os estaduais de 2014 e de 2017. O mais relevante foi o da Copa do Brasil de 2013. No Brasileirão, ia mal das pernas. Em 2017, bateu na trave, perdendo a final da Sul-Americana para o Independiente, em pleno Maracanã. Um ano depois ficaria com o vice da Copa do Brasil, vencida pelo Cruzeiro.

E então, Bandeira foi embora. Virou alvo de acusações de um antigo apoiador, Rodolfo Landim, o atual presidente. Deu-se, a partir da mudança de direção, uma extraordinária reviravolta ancorada em patrocínios fortes. "No Flamengo tudo é possível, mas hoje qualquer profissional gostaria de trabalhar no clube, em qualquer área, e não apenas os jogadores", disse Zico a PLACAR. Aos que já estavam na Gávea (Everton Ribeiro, Diego e Vitinho), juntaram-se Gabigol, Bruno Henrique, Arrascaeta, Filipe Luís, Rodrigo Caio, Michael e Pedro, todos ainda na equipe, além de outros que já saíram, como Gerson (Olympique de Marselha), Rafinha (Grêmio) e, principalmente, Jorge Jesus (Benfica). O míster foi o rosto de uma nova identidade vencedora. Foram cinco títulos: da Libertadores ao Campeonato Brasileiro, em 2019, com 16 pontos de diferença para o segundo colocado. Ainda deu tempo para levar a Supercopa do Brasil, a Recopa Sul-Americana e o Campeonato Carioca, em 2020.

As vitórias diante do Barcelona de Guayaquil, no Equador, na semifinal da Libertadores de 2021, encheram de vez o moral do clube. Você provavelmente já disse em algum momento "odeio" ou "adoro" este Flamengo. Certo é que, dificilmente, há alguém indiferente a ele. A fama de mau foi adotada pelo próprio elenco com gosto pelo apelido de Malvadão, inspirado

A CAMPANHA (INVICTA) ATÉ A FINAL

VÉLEZ SARSFIELD (ARG) 2 x 3 FLAMENGO
José Amalfitani, Buenos Aires
Gols: Janson (20' do 1º); Willian Arão (42' do 1º); Janson (8' do 2º); Gabigol (16' do 2º); Arrascaeta (34' do 2º)

FLAMENGO 4 x 1 UNIÓN LA CALERA (CHI)
Maracanã, Rio de Janeiro
Gols: Gabigol (31' do 1º); Arrascaeta (35' do 1º); Sáez (11' do 2º); Gabigol (35' do 2º); Pedro (39' do 2º)

LDU (EQU) 2 x 3 FLAMENGO
Casablanca, Quito
Gols: Gabigol (2' do 1º); Bruno Henrique (30' do 1º); Martínez Borja (4' do 2º); Amarilla (15' do 2º); Gabigol (38' do 2º)

UNIÓN LA CALERA (CHI) 2 x 2 FLAMENGO
Nicolás Chahuán Nazar, La Calera
Gols: Ariel Martínez (7' do 1º); Willian Arão (contra, 26' do 1º); Gabigol (30' do 1º); Arão (31' do 2º)

FLAMENGO 2 x 2 LDU (EQU)
Maracanã, Rio de Janeiro
Gols: Pedro (32' do 1º); Guerra (34' do 1º); Julio (14' do 2º); Gustavo Henrique (43' do 2º)

FLAMENGO 0 x 0 VÉLEZ SARSFIELD (ARG)
Maracanã, Rio de Janeiro

DEFENSA Y JUSTICIA (ARG) 0 x 1 FLAMENGO
Norberto Tomaghello, Florencio Varela
Gol: Michael (22' do 1º)

FLAMENGO 4 x 1 DEFENSA Y JUSTICIA (ARG)
Mané Garrincha, Brasília
Gols: Rodrigo Caio (7' do 1º); Arrascaeta (20' do 1º); Vitinho (37' do 1º e 49' do 2º); Loaiza (39' do 1º)

OLIMPIA (PAR) 1 x 4 FLAMENGO
Manuel Ferreira, Assunção
Gols: Arrascaeta (15' do 1º); Gabigol (56' do 1º); Iván Torres (58' do 1º); Gabigol (6' do 2º); Vitinho (45' do 2º)

FLAMENGO 5 x 1 OLIMPIA (PAR)
Mané Garrincha, Brasília
Gols: Gabigol (29' do 1º); Bruno Henrique (36' do 1º); Recalde (44' do 1º); Willian Arão (3' do 2º); Salcedo (contra, 10' do 2º); Gabigol (31' do 2º)

FLAMENGO 2 x 0 BARCELONA (EQU)
Maracanã, Rio de Janeiro
Gols: Bruno Henrique (20' e 37' do 1º)

BARCELONA (EQU) 0 x 2 FLAMENGO
Monumental, Guayaquil
Gols: Bruno Henrique (17' do 1º e 4' do 2º)

O uruguaio Arrascaeta: desde 2019, o ponto de equilíbrio da equipe

MARCELO CORTES/FLAMENGO

na música adaptada de MC Reizin *Chamo Teu Vulgo Malvadão*, para a versão *Flamengo Malvadão*.

Por ser o time a ser batido, o Flamengo gostou dessa posição, o de desmancha-prazeres dos adversários, liderada por uma dupla de ataque matadora. Gabigol tinha feito 97 gols pelo clube até o início de outubro. Bruno Henrique, 71. O camisa 9 é o artilheiro da atual edição da Libertadores, com dez gols. Somados, os dois atacantes marcaram juntos 36 dos 72 gols nas últimas três edições do torneio continental.

O problema: a vontade de vencer, ao deixar o gramado, virou sinônimo de antipatia. Causaram enorme incômodo as movimentações do clube, em plena pandemia do novo coronavírus, para se manifestar por várias vezes favorável à volta de público aos estádios, de modo precoce. Em junho de 2020, depois da paralisação de 96 dias, a equipe foi a primeira a jogar no país, contra o Bangu, no Maracanã. Ficou marcado o fato de a poucos metros do estádio haver um hospital de campanha em funcionamento para tratar de pacientes infectados pelo vírus.

Landim também aproximou o clube de Jair Bolsonaro. Pessoas próximas ao cotidiano do time e da Presidência da República atribuem o estreitamento da relação a uma suposta promessa de apoio flamenguista à reeleição de Bolsonaro, em 2022. As duas partes negam, mas pululam fotos de encontros da dupla. A cartada mais recente, e ruim, foi a tentativa de conseguir na Justiça autorização para jogos com torcedores nas arquibancadas, antes de todo mundo. Dezessete clubes da elite do futebol nacional, além da CBF, protestaram contra a atitude isolada, francamente egoísta, alheia ao drama sanitário. O Grêmio chegou a ameaçar não entrar em campo na partida de volta das quartas de final da Copa do Brasil. Entrou e perdeu.

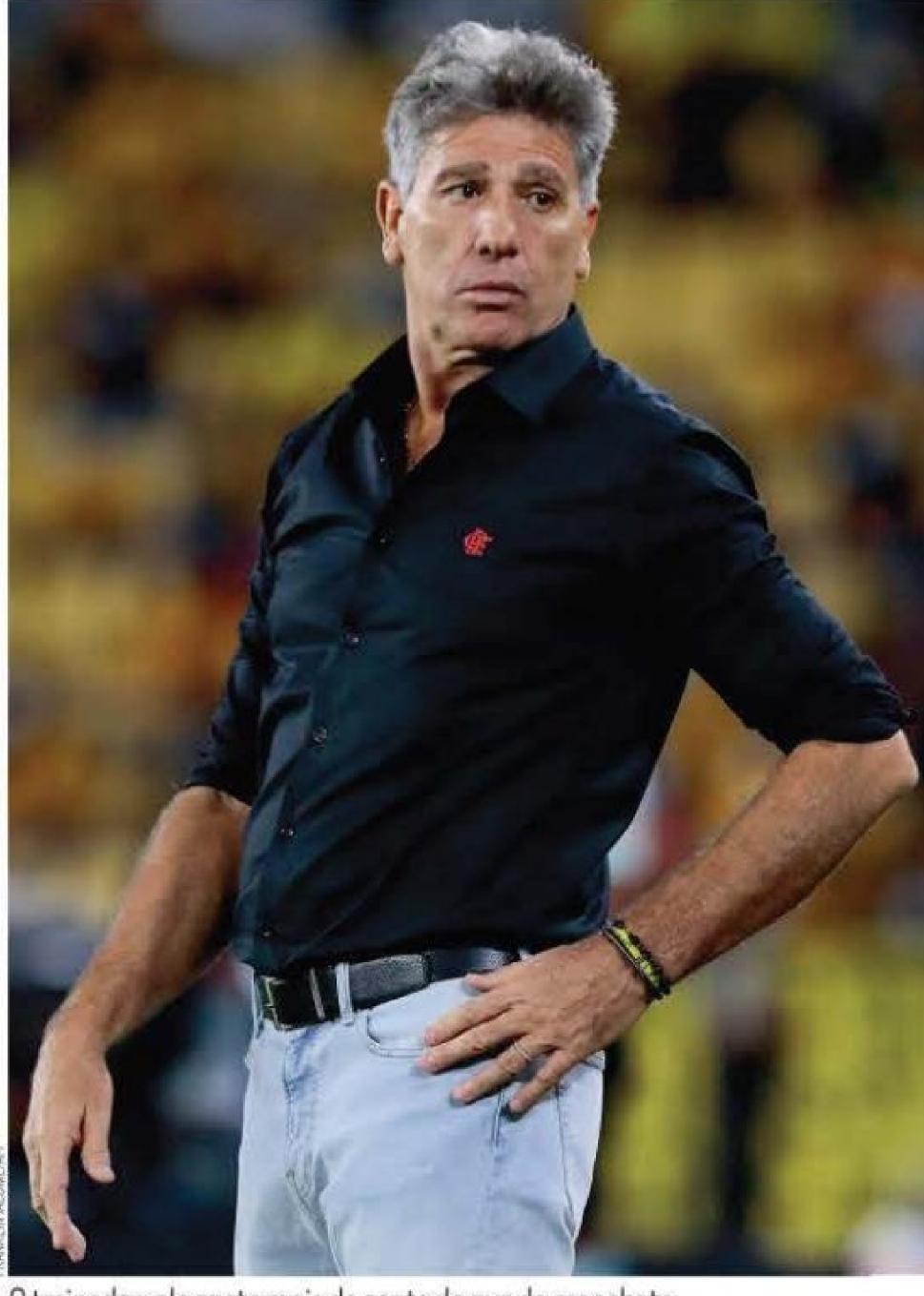
Renato Gaúcho e seus comandados desdenham das movimentações políticas, embora muitos as apoiem, e seguem firmes com um único objetivo: ter o direito de o time ser chamado de dono do Brasil, da América, do mundo e de onde mais puder. Não há meio-termo com o Flamengo, definitivamente: é paixão ou aversão. ■

O GAÚCHO É CARIOCA

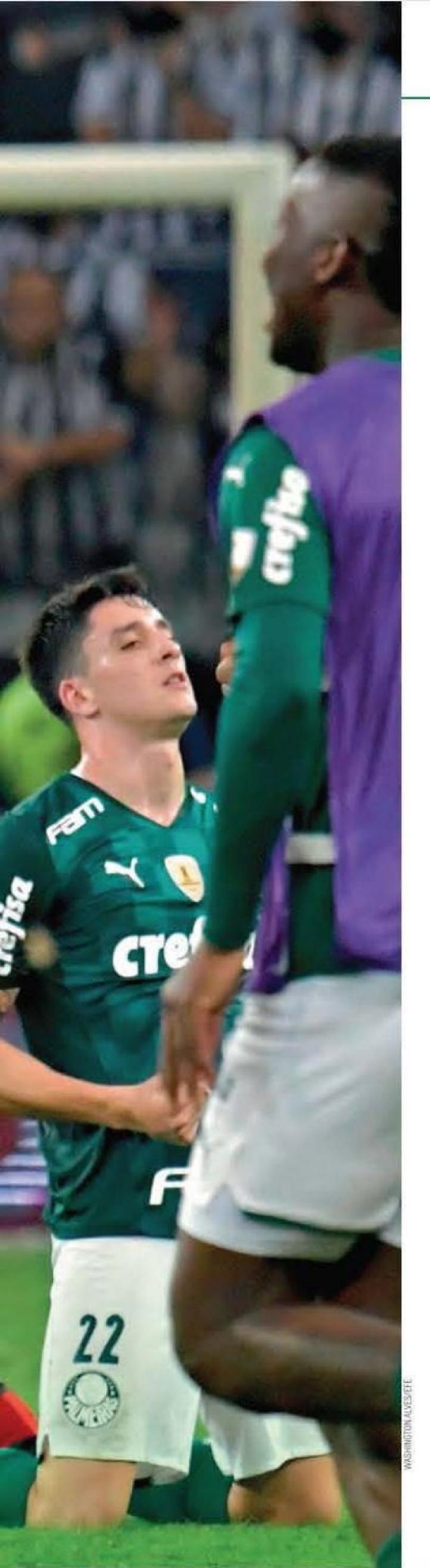
O jeito muito pessoal de lidar com os jogadores de Renato Gaúcho, o "míster Libertadores"

Na ponta do lápis, o desempenho de Renato Gaúcho como treinador do Flamengo é quase perfeito — a caminho da final contra o Palmeiras, em Montevidéu, em todos os torneios são vinte jogos, com dezesseis vitórias, dois empates e apenas duas derrotas. Foram 54 gols a favor (média de 2,7 por partida) e apenas treze contra. Não haveria mais nada a dizer, correto? Para um técnico pacato, calado e observador, não. Mas Renato gosta de falar, de provocar celeuma, porque é esse o estilo que o leva a se aproximar dos atletas — e convém lembrar que as câmeras de televisão, especialmente no ruidoso silêncio de estádios vazios, não o deixam em paz. Minutos antes de a bola rolar no Independência, em Belo Horizonte (empate em 1 a 1 com o América-MG), o rubro-negro foi flagrado numa conversa de pé de ouvido com Vagner Mancini, comandante do Coelho, e confidenciou: "Meu time tá todo quebrado, muitos jogadores machucados". Ao que Mancini respondeu: "Aqui, os problemas são outros". O diálogo revela o inconfessável: o Flamengo de Renato, que em campo muitas vezes parece voar, lembrando os melhores dias de Jorge Jesus, em 2019, nos bastidores tem passos claudicantes.

O treinador resolve seus problemas com a ferramenta que o tornou respeitado à beira do gramado: a aproximação com os jogadores, como se ainda fosse um deles. Nesse aspecto, ele lembra um pouco Luiz Felipe Scolari. Gosta de insistir no posicionamento em campo, mas não se atém a explicações técnicas rebuscadas. Gosta mais de gente do que de prancheta, como demonstrou largamente no Grêmio. Mas é no Flamengo, no cotidiano do Rio de Janeiro, lidando com estrelas autossuficientes em demasia, como Gabigol, que Renato Gaúcho assume seu tom francamente carioca — no sentido de estar disponível para bate-papos com os comandados, aberto a resolver crises na base da conversa e mesclando bom humor permanente com ironia. Ele sempre foi assim. Convém revisitar uma entrevista histórica concedida por ele à repórter Martha Esteves, em 1987, na primeira de suas quatro passagens como atacante na Gávea. Ele não teve dúvida em asseverar: "Ainda sou o melhor". Instado a passear pela vida fora do campo — "você não tem sido visto nas noites cariocas desfilando com belas mulheres; mudaram as mulheres ou mudou Renato? —, ele respondeu: "Mudou Renato. Se fosse por elas, eu estaria por aí todas as noites. Só que esse sacrifício de recusar alguns convites tem muito a ver com a obsessão de ser campeão. Minha noiva, Maristela, merece todo respeito". O Flamengo foi campeão da Copa União, o Brasileirão daquele ano, e Renato Gaúcho levou a Bola de Ouro de PLACAR. A dubiedade revelada naquela entrevista, e que ainda hoje perdura, é o que o faz interessante — e, muitas vezes, vencedor. Ele quer levar o Flamengo de 2021 de volta à glória de dois anos atrás e de seu Grêmio de 2017. Por quê? Porque "ainda sou o melhor". Renato igualou o recorde do treinador colombiano Gabriel Ochoa Uribe em número de vitórias na Libertadores — são cinquenta. Em 27 de novembro quer ser o primeirão, isolado. ■

FRANKLIN JACOME/AFP

O treinador: ele gosta mais de gente do que de prancheta

Sempre ele: grande ídolo desta era vencedora, Dudu mal voltou e já decidiu duelos contra São Paulo e Atlético

WASHINGTON ALVES/EFE

CADA VEZ MAIS IMPONENTE

Dizem que o time não encanta. Algum alviverde se importa? Com crucial aporte financeiro e boa gestão, o Verdão voltou ao topo — e lá quer ficar

Luiz Felipe Castro

A trajetória recente do Palmeiras começou a mudar no fim de tarde de 7 de dezembro de 2014. Aos gritos de "vergonha" de seus torcedores no recém-inaugurado Allianz Parque, o Palmeiras empatou em 1 a 1 com o Atlético-PR (na época, ainda sem H) e só se salvou do rebaixamento à Série B do Brasileirão graças a uma derrota do Vitória, seu concorrente direto, para o Santos, em Salvador. Apenas os deuses do futebol sabem o que teria ocorrido com a equipe alviverde no caso de uma terceira e humilhante degola. Menos de um mês depois, contudo, deu-se uma dupla de passos que se mostraria crucial: o clube, então presidido pelo advogado e empresário Paulo Nobre, que emprestara uma fortuna ao time do coração, frustrou o rival Corinthians ao anunciar o atacante Dudu; dias depois, o Verdão superou a concorrência do São Paulo e fechou contrato com a Crefisa como seu novo patrocinador máster. O resto é história.

Quase sete anos depois, com Dudu de volta, decisivo como sempre, e Leila Pereira, dona da Crefisa, prestes a assumir a presidência em 2022, o Palmeiras desfruta de uma condição tão ou mais hegemônica quanto aquela vivida nas décadas de 70 e 90. Só mesmo o Flamengo tem conseguido bater de frente com regularidade, mas um eventual tricampeonato da Libertadores seria o triunfo definitivo de uma gestão tão controversa quanto vencedora. Antes de ser confirmada como candidata única à presidência, Leila renovou o maior contrato de patrocínio do país: 81 milhões de reais anuais fixos, mais variáveis que podem chegar a 120 milhões de reais. É um caminhão de dinheiro, mas cabe a ressalva: o Palmeiras já não é tão dependente financeiramente da Crefisa como no início da parceria e nem tão gastador.

A atual temporada, na verdade, foi marcada por austeridade financeira, o que chegou a irritar alguns torcedores e até o técnico Abel Ferreira. Se em 2017, os gastos ultrapassaram 110 milhões de reais, desta vez o único grande investimento foi no lateral uruguaio Joaquín Piquerez, por cerca de 19 milhões de reais — o lateral Jorge e Dudu chegaram de graça. O gerente de futebol, Anderson Barros, resistiu às críticas e ajudou o Palmeiras a fechar o balanço do primeiro semestre com superávit de 60 milhões de reais, em plena pandemia. De acordo com o índice PLACAR/Itaú BBA, a equipe obteve 650 milhões de reais em receitas na temporada passada, ficando atrás apenas do próprio Flamengo (682 milhões de reais).

O clube, portanto, segue colhendo os frutos da boa gestão, sobretudo com investimento nas categorias de base: nomes como

A CAMPANHA ATÉ A FINAL

UNIVERSITARIO (PER) 2 X 3 PALMEIRAS
Monumental de Ate, Lima
Gols: Danilo (20' do 1º); Raphael Veiga (7' do 2º); Gutiérrez (20' e 23' do 2º); Renan (48' do 2º)

PALMEIRAS 5 X 0 IND. DEL VALLE (EQU)
Allianz Parque, São Paulo
Gols: Rony (10' do 1º); Luiz Adriano (20' do 1º); Patrick de Paula (19' do 2º); Rony (28' do 2º); Danilo Barbosa (35' do 2º)

DEFENSA Y JUSTICIA (ARG) 1 X 2 PALMEIRAS
Norberto Tomaghello, Florencio Varela
Gols: Rony (1' do 2º); Rony (10' do 2º); Tripichio (22' do 2º)

IND. DEL VALLE (EQU) 0 X 1 PALMEIRAS
Casablanca, Quito
Gol: Raphael Veiga (42' do 1º)

PALMEIRAS 3 X 4 DEFENSA Y JUSTICIA (ARG)
Allianz Parque, São Paulo
Gols: Walter Bou (9' e 27' do 1º); Matías Rodríguez (7' do 2º); Zé Rafael (10' do 2º); Willian (36' do 2º); Scarpa (30' do 2º); Romero (48' do 2º)

PALMEIRAS 6 X 0 UNIVERSITÁRIO (PER)
Allianz Parque, São Paulo
Gols: Viña (42' do 1º); Zé Rafael (47' do 1º); Gómez (10' do 2º); Willian (15' do 2º); Rony (32' e 45' do 2º)

UNIVERSIDAD CATÓLICA (CHI) 0 X 1 PALMEIRAS
San Carlos de Apoquindo, Santiago
Gol: Raphael Veiga (42' do 1º)

PALMEIRAS 1 X 0 UNIVERSIDAD CATÓLICA (CHI)
Allianz Parque, São Paulo
Gol: Marcos Rocha (36' do 1º)

SÃO PAULO 1 X 1 PALMEIRAS
Morumbi, São Paulo
Gols: Luan (8' do 2º); Patrick de Paula (28' do 2º)

PALMEIRAS 3 X 0 SÃO PAULO
Allianz Parque, São Paulo
Gols: Raphael Veiga (11' do 1º); Dudu (21' do 2º); Patrick de Paula (32' do 2º)

PALMEIRAS 0 X 0 ATLÉTICO-MG
Allianz Parque, São Paulo

ATLÉTICO-MG 1 X 1 PALMEIRAS
Mineirão, Belo Horizonte
Gols: Vargas (7' do 2º); Dudu (23' do 2º)

DOUGLAS MAGNO/AFP

Paredão: Weverton chegou sem alarde, mas honrou a escola de goleiros

Gabriel Menino, Patrick de Paula, Danilo, Renan, Wesley e Gabriel Verón se acostumaram a decidir jogos grandes, e ainda devem gerar enormes lucros no futuro.

Weverton — um goleiraço, à altura da tradição de Oberdan Cattani, Valdir Joaquim de Moraes, Emerson Leão, Marcos e outras lendas da meta —, o zagueiro Gustavo Gómez e o volante Felipe Melo dão a experiência necessária para o equilíbrio do time, enquanto o meia canhoto Raphael Veiga já acumula duas temporadas de excepcionais serviços prestados, talvez sem o devido reconhecimento da opinião pública.

O craque, no entanto, é mesmo Dudu. Aos 29 anos, ele retornou ao Palmeiras depois de um ano emprestado ao Al-Duhail, do Catar, e parece que jamais saiu do time. "É um sonho. Estou aqui desde 2015, vivi grandes momentos. Infelizmente tive que sair por problemas fora de campo, mas o torcedor sabe do amor que tenho por este clube, e eles também têm por mim. Espero fazer um grande jogo lá no Uruguai", afirmou o camisa 43 (como a 7, seu número preferido, já estava com Rony, o ídolo optou pela numeração cuja soma dá 7: 4 + 3), logo após decidir o duelo da semifinal diante do Atlético-MG, calando o Mineirão com o gol do empate em 1 a 1. Antes, Dudu já havia marcado um golaço no triunfo sobre o São Paulo, sua vítima preferida, nas quartas de final.

O Palmeiras, portanto, chega firme para sua sexta decisão de Libertadores na história. Enquanto o rival Flamengo ainda segue dividindo atenções com a semifinal da Copa do Brasil, além, do Brasileirão (em que ambos perseguem o líder Galo), o Palmeiras porá todas as suas forças na decisão de novembro.

Há quem diga, inclusive entre os sempre exigentes alviverdes, que este Palmeiras não é brilhante. O próprio Abel Ferreira deve repetir a estratégia de jogar o favoritismo para o adversário e buscar motivação em qualquer comentário negativo. Subestimado ou não, o fato é que este Palmeiras está a noventa minutos de igualar-se ao Boca Juniors de 2000/2001, seu carrasco e último bicampeão da América de forma consecutiva. Alguém ousa duvidar? ■

O TERROR MORA AO LADO

Abel Ferreira, o português de jogo ultracompetitivo, já está pintado de glórias no alviverde

Logo após celebrar com raiva o empate em 1 a 1 no Mineirão que deu ao Palmeiras a vaga na final, Abel Ferreira concedeu uma entrevista de antologia. "No final, em que apontei para a câmera, não foi para nenhum jogador ou treinador do Atlético Mineiro. Eu tenho um vizinho no meu prédio que é um chato, foi diretamente para ele estar calado, porque quem manda na minha casa e que sabe o que acontece na minha casa sou eu, não ele", desabafou Abel, com seu marcado sotaque lusitano. Até o fechamento desta edição, a identidade do desagradável morador não foi revelada, alimentando uma teoria de que, na verdade, tudo não passou de uma esperta metáfora. Tal qual o Sobrenatural de Almeida — personagem criado por Nelson Rodrigues, um fantasma que era responsável por tudo de ruim que acontecia com o time do cronista, o Fluminense —, o "vizinho chato" de Abel seria o conjunto de seus críticos, torcedores (palmeirenses ou não), jornalistas e todos aqueles que não acreditavam em seu trabalho.

O técnico de 42 anos, nascido em Penafiel, é, sem dúvida, um personagem e tanto. Ex-lateral esforçado com passagem pelo Sporting e pela seleção, tornou-se um estudioso da prancheta. Ironicamente, sua chegada ao Palmeiras tem tudo a ver com o Flamengo. Foi o sucesso de seu compatriota Jorge Jesus na Gávea que fez com que diversos clubes brasileiros se interessassem pela escola portuguesa de "misters". O estilo de Abel nada tem a ver com o de Jesus, mas casou perfeitamente com o espírito palestrino. Nesse sentido, aliás, faz lembrar outro ídolo alviverde e na terra de Camões: Luiz Felipe Scolari, que chegou a convocá-lo para a seleção portuguesa. A forma como Abel costuma jogar o favoritismo para os adversários e se alimentar do embate com torcida, dirigentes e jornalistas é puro scolarismo. Outra semelhança fundamental: são vencedores, pragmáticos e ultracompetitivos. Nesta Libertadores, o time venceu oito jogos, empatou três e perdeu um, com 27 gols marcados e apenas nove sofridos.

Abel chegou ao Palmeiras em novembro de 2020, sem grande badalação, vindo do Paok, da Grécia. Em menos de dois meses, já era campeão da América, como Felipão em 1999. Ergueu também a Copa do Brasil com uma equipe eficiente, uma mescla interessante de juventude e experiência. Abel, então, passou a conviver com turbulências. Cobrou a chegada de reforços — e não foi atendido. Contestado por supostamente não conseguir tirar o máximo de um elenco invejável, não baixou a guarda. Ao contrário, foi à luta — às armas, como diz o hino de seu país. "Essa é a diferença entre um rato e um homem. É você acreditar no seu trabalho. Eu sou português com muito orgulho", disse depois da classificação para a final, citando também os "vizinhos" José Mourinho e Cristiano Ronaldo. "Temos uma força mental terrível, uma disciplina de trabalho insaciável. Disso, eu não vou abdicar nunca." Os palmeirenses agradecem. ■

WASHINGTON ALVES/AFP

Como Jorge Jesus: "Temos uma força mental terrível, uma disciplina insaciável"

Tamires, com a taça e a medalha: "Todo esse trabalho não acontece do dia para a noite, a gente sabe"

O SONHO VIROU REALIDADE

O Corinthians chegou à quinta final seguida e confirmou o favoritismo para levantar mais uma taça. **Tamires,** a capitã, fala, em depoimento exclusivo, sobre a luta por reconhecimento do futebol feminino

Disputada entre setembro e dezembro de 2013, em um espaço de apenas oitenta dias, a primeira edição do Brasileirão feminino ainda parecia um daqueles rascunhos difíceis de ser compreendidos. Organizada pela CBF, a competição teve vinte equipes, em divisão única, sem rebaixamento — e sem nenhuma certeza do amanhã. Só havia uma camisa tradicional do futebol masculino: o Vasco (eliminado ainda na primeira fase). São raros os registros da decisão daquele ano entre Centro Olímpico e São José. Apenas fotos escuras e relatos em blogs. Em 2019, por orientação da Fifa, a CBF decidiu que todas as equipes que disputam a primeira divisão masculina devem ter um elenco feminino.

Na edição 2021 do torneio, foram dez os "clubes de camisa" entre os dezesseis da elite — e nenhum deles terminou entre os quatro rebaixados. E a estrutura está crescendo. A Série A2 tem outros dezesseis times e a A3, mais 32. Na finalíssima, o dérbi entre Palmeiras e Corinthians teve transmissão em diversas plataformas: Band (na TV aberta), SporTV (cabo), mais canais da CBF e TikTok (via internet). O terceiro título corintiano coroou a melhor campanha da primeira fase, com 38 pontos de 45 possíveis. Uma coisa, é curioso destacar, não mudou. As protagonistas de agora já estavam em ação em 2013: Tamires, autora de um gol na primeira decisão, e Gabi Zanotti, artilheira daquele torneio com doze gols. A convite de Klaus Richmond de PLACAR, Tamires, titular da lateral esquerda da seleção brasileira, conta, no depoimento a seguir, como está sendo a experiência de jogar novamente no país.

***

"Quando voltei a atuar no Brasil, logo depois da Copa do Mundo de 2019, sabia que queria fazer parte desse processo de estruturação do futebol feminino e contribuir como fosse possível, em campo e fora dele. No Campeonato Brasileiro, o Corinthians se consolidou como o time a ser batido. Chegou à quinta final consecutiva (levantou a taça em três ocasiões) graças a um bom planejamento e à mentalidade de querer sempre mais. Aqui, encontrei um projeto sólido, com estrutura, profissionais extremamente capacitados e um elenco muito motivado a fazer história.

O departamento de futebol feminino é liderado por Cris Gambaré. No comando da comissão técnica está Arthur Elias. Essa energia chega até nós, atletas. E a torcida abraçou o nosso grupo de uma forma inexplicável. 'Respeita as minas' virou um mantra. Todo esse trabalho não acontece do dia para a noite, a gente sabe. Pra resumir, tem uma música da Gabi Fernandes que embala a gente e diz assim: 'Ser Corinthians é viver com o coração a mais de mil, é ser parte da torcida mais fiel deste Brasil'.

Agora imagina a cena: você está concentrada no hotel para a grande decisão, faltam vinte minutos para o lanche da tarde e, em algumas horas, a bola vai rolar.

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

LIVIA VILLAS BOAS/CBF

A final contra o Palmeiras: três títulos em cinco anos fazem do Timão a equipe a ser batida

De repente, do quarto, você começa a ouvir uma batucada e aquele grito inconfundível da torcida. Da janela, a rua parecia completamente tomada por bandeirões e pessoas vestindo o nosso manto. Desde torcida organizada até famílias, com crianças de colo. Todos ali para demonstrar apoio e confiança. Me arrepio só de lembrar.

A atmosfera do nosso time é algo fora de série. A gente leva muito a sério o nosso trabalho, mas é gostoso ver também que estamos rodeadas de leveza e de resenha. Cada uma com suas características, manias, superstições, mas todas absolutamente concentradas no mesmo objetivo. Para quem pensa que um gol é fruto do acaso, pode ter certeza de que tem muito treinamento por trás. A gente chega ao CT com a alegria de quem faz parte de um grupo espetacular e com o foco de quem sabe o peso da camisa.

Para dar um exemplo: no jogo de ida da final contra o Palmeiras, vencemos por 1 a 0, com a partida sendo decidida numa bola parada. É um recurso importantíssimo e a gente sabe aplicar no nosso plano de jogo. De fora, podem até imaginar que foi um lance de sorte. Mas garanto que é resultado de muito treino.

A semana que antecedeu a grande decisão foi de afinar detalhes, de estudar e de manter o foco. Tivemos treinos muito bons. A energia estava lá em cima. No meio disso tudo, veio a notícia de que, pela primeira vez na história, teríamos uma camisa dedicada ao futebol feminino. Com 'Respeita as minas' estampado e o roxo simbolizando a nossa luta. Aquela motivação a mais e também aquele reconhecimento ao momento que vive o futebol feminino brasileiro.

"AINDA ME EMOCIONO"

Em entrevista exclusiva, a veterana meia **Grazi** diz querer o Paulista e a Libertadores antes de anunciar sua aposentadoria

Aos 40 anos, Grazi fez parte da geração que "roeu o osso" para garantir a continuidade do futebol feminino. Em sua sexta temporada no Corinthians, ela ainda sonha com mais títulos antes de anunciar a aposentadoria

A atacante Cristiane costuma dizer que a geração de vocês roeu o osso e deixou a picanha para as que estão chegando e ainda virão... Concordo com a Cris, comecei até antes dela. Peguei o final da geração da Roseli e da Sissi e digo que as meninas não tinham um mínimo de estrutura. Hoje, felizmente, a situação é outra. Há categorias de base, evolução constante da modalidade. Que bom que Cristiane, Formiga e eu ainda pegamos um pouco disso. Em breve vamos sair de cena, mas vemos que o futebol feminino tem base para continuar evoluindo.

Você chegou aos 40 e segue atuando em um time campeão. O que a motiva? Quando saí de casa, aos 15 anos, eu tinha em mente que estenderia o máximo possível minha carreira. Não imaginava chegar aos 40 em alto rendimento, devo isso ao Corinthians. Já o motivo pelo qual eu continuo jogando é simples: porque ainda me emociono e tenho motivação para ganhar. É algo pessoal, fiquei muitos anos sem vencer e aproveito isso.

Confissão: "Sofri muito no início da carreira"

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

LIVIA VILLAS BOAS/CBF

As campeãs de 2021: "Projeto sólido, com elenco motivado, bom planejamento e mentalidade de querer sempre mais"

O jogo na Neo Química Arena foi especial. Soubemos administrar as emoções no início da partida, como todo time que quer ser campeão precisa fazer. E, a partir daí, controlamos o jogo. No fim, 3 a 1 no placar, com direito a um belíssimo chute da Adriana e uma bicicleta da Vic. A árbitra escalada era a Edina Batista e ela conduziu tudo muito bem. Lembro que ela falou para todas: 'Vamos jogar bola'. Entre nós, dizíamos: 'Não é só por nós, não é só pelo Corinthians, é pelo futebol feminino. Esse é o jogo da vida e vamos fazer valer'.

A Grazi, que tem mais de 200 jogos pelo Corinthians, estava do meu lado para levantar o troféu. Ela é muito observadora e ficava absorvendo cada momento, como quem vê um filme passando pela cabeça e lembrando de tudo o que vivemos para chegar até aqui. Eu, Grazi, Gabi Zanotti e Erika estamos entre as mais experientes do elenco e queremos sempre trazer todas as meninas para essa mesma frequência. E olha quantas estão se destacando, jogando com alegria, com confiança... É incrível ver essa evolução. São novas e com cabeça madura.

Erguer uma taça com essa camisa é um sentimento fora de série. Não é fácil, existem muitos desafios a superar diariamente, mas a gente realmente escolhe acordar cedo todos os dias e dar o nosso melhor. Somos referência em São Paulo, referência no Brasil e no mundo. E sabe aquele sonho de criança que a gente sempre teve? Pois é, estamos vivendo agora. Virou realidade. Que venha o futuro do futebol feminino." ■

Você já tem uma projeção de quando deve parar? Sim. Até o ano passado eu não tinha nada em mente. Já recebi centenas de mensagens me pedindo para não parar em dezembro. Eu disse, quando completei 200 jogos pelo Corinthians, que em dezembro vou soltar a data do fim da minha carreira. Agora, já está decidido, já conversei com os meus pais. Estou chegando ao meu limite, não dá para lutar contra o tempo. Por enquanto, a única certeza é que vou encerrar minha carreira no Corinthians. Até lá, quero conquistar o Paulista e a Libertadores.

Por que pendurar as chuteiras pelo Corinthians? Não é só a relação de conquistas. O que mais pesa é o carinho que os torcedores têm conosco, o tratamento que recebo dentro do clube. E isso dinheiro algum paga, título nenhum substitui. O time se tornou a minha segunda casa.

Hoje vocês são referência no esporte. Recebem muitos pedidos de ajuda? Isso acontece, sim. Clubes que ainda não são tão sérios no futebol feminino nos procuram. A parte boa é que todos estão entendendo que é preciso ser visto como grande na modalidade.

Como vê hoje a questão do machismo no futebol? Na minha visão, o machismo diminuiu. Sofri muito no início da carreira, mas muita coisa mudou. Não é perfeito, mas a prova disso são as torcidas organizadas apoiando. A Gaviões da Fiel foi à nossa concentração antes da final do Brasileiro — isso nunca havia acontecido.

Klaus Richmond

AS DONAS DA BOLA

Elas formam um quarteto mágico das finanças, responsável pela gestão patrimonial de jogadores de futebol de elite — e ainda resolvem perrengues familiares para que eles possam pensar só no jogo

Luiz Felipe Castro

Imagine ter de pegar um voo às pressas de São Paulo a Paris apenas para resgatar o terno de um noivo descuidado, a poucas horas do casório. Ou então correr até os correios para conseguir enviar uma roda de Jaguar para outra região do país. Esses são apenas alguns exemplos, um tanto extremos, das missões que compõem o trabalho de quatro profissionais intimamente ligadas ao futebol. Paula Sandtfoss, Priscilla Rocha, Nathalie Achcar e Fernanda Prado integram o time da Redoma Capital, uma empresa de gestão patrimonial fundada em 2012 e que conta com mais de oitenta esportistas entre seus clientes. Como o nome da organização já indica, o objetivo é blindar os boleiros de enroscos financeiros, legais e até familiares. Fora de campo, elas são as donas da bola, com total acesso às cifras de importantes contratos, e precisam jogar nas onze.

O quarteto recebeu PLACAR em seu escritório no bairro do Itaim Bibi, em São Paulo, um local repleto de bolas e camisas autografadas pelos clientes, como Richarlison, atacante da seleção brasileira, e Cristiane, goleadora do futebol feminino. "Todas amamos futebol. Até pouco tempo atrás, eu não entendia nada, mas hoje assisto a todos os jogos e sempre me pego torcendo por nossos clientes", brinca Priscilla, responsável pelo setor de relacionamento da empresa. O ambiente é descontraído, mas o trabalho é sério, afinal, a maioria dos jogadores tem origem humilde, pouca ou nenhuma instrução financeira e muito, mas muito dinheiro para gerir. "Nossa meta é mostrar os melhores caminhos, os prós e os contras de cada operação, e deixá-los tranquilos para focar no futebol", diz Paula, do setor de gestão e marketing. Se não palpitam em nada em relação ao posicionamento em campo ou um gol incrivelmente perdido, no que diz respeito às contas dos craques elas marcam em cima e jogam na retranca.

A Redoma realiza com seus clientes uma reunião anual, na qual revisa o período anterior e planeja os objetivos para a temporada seguinte, e depois mantém um acompanhamento constante, praticamente semanal. Na maioria dos casos, o contato é feito em grupos de WhatsApp com os familiares e o estafe dos atletas. Quase todos os clientes que buscam esse tipo de assessoramento são casados e engana-se quem pensa que as parceiras têm ciúme. "Muito pelo contrário, elas se sentem mais confortáveis ao lidar com mulheres, não nos veem como rivais, mas como aliadas", diz Nathalie, responsável pelo setor de investimentos, com experiência no mercado financeiro. "Muitas vezes resolvemos os problemas dos filhos deles, é uma relação quase familiar mesmo, dentro dos limites de onde podemos chegar." Na maioria dos casos, as companheiras dos craques são mais conscientes e zelosas com o dinheiro. Com o aconselhamento profissional,

PAULA SANDTFOSS
41 anos
Gestão e marketing

ALEXANDRE BATTIBUGLI

PRISCILLA ROCHA
41 anos
Relacionamento
NATHALIE ACHCAR
30 anos
Investimentos
FERNANDA PRADO
36 anos
Planejamento e jurídico

muitas delas decidiram abrir o próprio negócio e engordar o porquinho da família antes da aposentadoria dos atletas.

Além de mostrar aos jogadores os melhores caminhos para investir seus reais, dólares, euros ou rublos ("a chave é diversificar", eis o segredo), as administradoras de carreira se esforçam para obter os melhores preços e gerar a maior economia possível. Por exemplo, se um jogador decide comprar um apartamento em uma zona nobre da cidade, elas iniciam uma caça por descontos e pelo melhor custo-benefício em itens de decoração. É daí, afinal, que vem a maior parte de seus vencimentos. "Os clientes nos pagam uma cota fixa mensal e depois ganhamos um porcentual em cima da economia gerada. O padrão de comissão é 20%, mas tem cliente que opta por dar até 50%", conta Paula. Nem sempre é fácil controlar o ímpeto das estrelas dos gramados. Carrões e relógios são alguns dos luxos preferidos. O meio-campista Wesley, ex-Santos e Palmeiras, hoje no CRB, protagonizou um dos casos de sucesso da firma. Em seu auge, ele encasquetou que teria na garagem um Porsche, custasse o que custasse.

REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

Lar: Moisés, ex-Palmeiras *(à dir.)*, comprou um terreno com a ajuda de Priscilla *(de óculos)*

"Não estava dentro do planejamento, mas ele bateu o pé. Em seguida, indicamos a compra de um modelo exclusivo de aniversário, com apenas cinco exemplares no Brasil", recorda Paula. "Pouco depois, ele quis se desfazer do Porsche e conseguiu vender por 20% a mais, pois era um item de colecionador." Saíram todos felizes.

No dia da visita de PLACAR, a turma da Redoma se surpreendeu ao descobrir, por meio de uma postagem no Instagram, que um de seus clientes havia comprado um automóvel caríssimo. "A gente não proíbe nada, mas esses casos nos deixam p... da vida. Mesmo que eles quisessem contrariar nossas indicações, ainda assim pode-

DE TUDO UM POUCO

O que fazem as profissionais responsáveis por gerir a fortuna dos craques

INDICAM OS MELHORES INVESTIMENTOS

Por mais que os atletas ganhem rios de dinheiro, será mesmo uma boa ideia comprar um Lamborghini? "Muitas vezes eles têm sonhos e temos de respeitá-los, mas sempre mostramos os melhores caminhos e os riscos", explica Paula Sandtfoss. "Por que não investir essa quantia em um imóvel, por exemplo?"

DOMAM O LEÃO DO FISCO

Nos últimos anos, alguns dos maiores craques do mundo, como Messi, Neymar e Cristiano Ronaldo, foram alvo de denúncias de fraude fiscal, o que abriu os olhos da boleirada. "Muitas irregularidades são cometidas por desconhecimento ou falta de orientação especializada", comenta Fernanda Prado. "Nós cuidamos disso para eles."

REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

Paula com Willian, em Londres: trabalho pontual com o reforço do Corinthians

REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

Fernanda, especialista em questões burocráticas, posa com Wellington, do Fluminense

ríamos buscar as melhores condições", ri Nathalie. Em quase uma década de empresa, apenas um caso de indisciplina resultou em cartão vermelho, quando a Redoma decidiu romper o vínculo com um atleta que jamais obedecia aos apelos da empresa — e da mãe, sua interlocutora no WhatsApp.

Um dos setores mais relevantes da casa é comandado por Fernanda Prado. Apaixonada por esportes desde a infância, ela encontrou no direito a melhor forma de se manter rodeada de feras da bola. É ela quem auxilia os atletas em questões como a finalização de contratos e assessoria fiscal. Os casos mais espinhosos são os de atletas que atuam no exterior e que acabam cometendo muitas irregularidades por mero desconhecimento das leis. "Essa parte burocrática muitas vezes é o que fideliza nossos clientes. São trabalhos que são simples para nós, que conhecemos os trâmites, mas muito chatos para eles", conta. O período mais agitado para elas está chegando, o das festas de fim de ano, ou seja, férias da maioria dos atletas, que aproveitam para organizar viagens e festas. Novos perrengues virão, mas elas garantem: estão prontas para o jogo. ■

PRESERVAM O BEM-ESTAR FAMILIAR

Os contatos geralmente acontecem com a esposa ou com os pais dos atletas, por meio de grupos de WhatsApp. Desde a organização de viagens até mesmo a escolha do colégio das crianças, tudo passa pelo crivo das gestoras. "Tratamos de estabelecer uma relação de confiança não só com o jogador, mas com todo o seu entorno", diz Nathalie Achcar.

OFERECEM UM "SEGURO ANTIPERRENGUE"

Boa parte do trabalho é resolver problemas, seja onde for e nos mais variados fusos horários. Alugar um jatinho às pressas na China ou pedir um táxi na Rússia são os mais simples. "Já tive de viajar correndo a Paris só para resgatar o terno de casamento de um jogador", conta Priscilla Rocha.

ME ENGANA QUE EU GOSTO

A regra criada para limitar as trocas de técnicos pode até ter reduzido um pouco o ritmo da dança das cadeiras, mas não impediu doze mudanças na Série A e outras catorze na B só no primeiro turno

Luca Castilho

No início do Campeonato Brasileiro, uma mudança no regulamento foi anunciada como a solução para uma das maiores pragas do nosso futebol: a incessante troca de técnicos a cada sequência de maus resultados. Pela nova regra, cada clube só poderia demitir um treinador ao longo da competição — o reincidente ficaria proibido de contratar um substituto. A mesma lógica vale para os profissionais à beira do gramado: só é possível pedir as contas uma vez (na segunda, não pode mais trabalhar até o fim da temporada). Mas, claro, veio junto uma legítima "jabuticaba" brasileiríssima: a saída em comum acordo não entra nessa contabilidade.

Tudo somado, a dança das cadeiras está longe de acabar. Ao final do primeiro turno, já tinham sido anunciadas doze trocas de comando na Série A e outras catorze na B. Destas, cinco foram pedidos de demissão e doze entraram na conta do comum acordo. Esse número é indecente comparado com as principais ligas europeias. Na temporada 2020-2021, apenas quatro técnicos foram substituídos no Campeonato Inglês, sete no Espanhol e outros sete no Italiano. É fato que essas doze trocas são ligeiramente inferiores às catorze registradas no Brasileirão 2020 (nas mesmas dezenove rodadas iniciais), o que estimula os mais otimistas a acreditar que esse jogo pode virar.

Zé Mário, presidente da Federação Brasileira dos Treinadores de Futebol, aposta que a nova lei vai mudar o quadro com o passar dos anos. "Os clubes vão analisar melhor antes de contratar", acredita. Demitido na 14ª rodada pela Chapecoense, Jair Ventura afirma que é a favor da regra, mas acha que a mentalidade dominante ainda é muito imediatista. "É um problema complexo, quase ninguém está disposto a dar tempo ao técnico para implantar sua

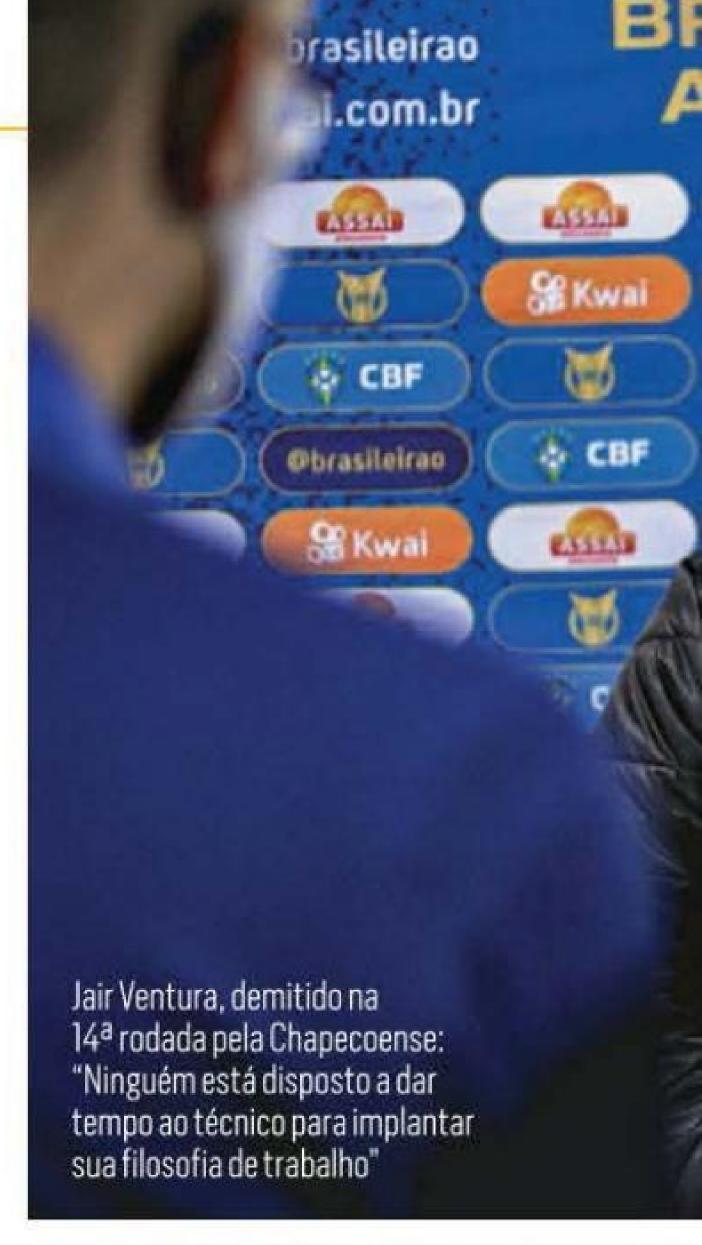
ANDREW YATES/AFP

Alex Ferguson, que ficou 27 anos comandando o Manchester United: contratado em 1986, conquistou seu primeiro título apenas em 1990

Jair Ventura, demitido na 14ª rodada pela Chapecoense: "Ninguém está disposto a dar tempo ao técnico para implantar sua filosofia de trabalho"

Dado Cavalcanti, que treinou o Bahia até a 16ª rodada: para ele, a saída em comum acordo "é só um jeito de burlar o regulamento"

MARCIO CUNHA/ACF

FELIPE OLIVEIRA

filosofia de trabalho." Basta ver que, entre os vinte times da Série A, o que tem o mesmo comandante há mais tempo é o Bragantino: Maurício Barbieri completou um ano à frente do elenco em setembro (na Série B, Matheus Costa, do Operário-PR, estava no cargo desde outubro de 2020, mas caiu).

Parece mentira, mas foi isso mesmo. O mais longevo mal festejou o primeiro aniversário e disse adeus. Essa ainda é a realidade do futebol brasileiro. Renato ter ficado quatro anos no Grêmio é a exceção da exceção. Lá fora, é muito mais comum apostar, de fato, num trabalho de médio e longo prazo. Jürgen Klopp chegou ao Liverpool em meados de 2015 e só foi levantar sua primeira taça pelo clube na temporada 2018-19, quando conquistou a Liga dos Campeões. E até *sir* Alex Ferguson, que ficou 27 anos comandando o Manchester United, precisou de algum tempo para engrenar. Contratado no fim de 1986, conquistou seu primeiro título, a Copa da Inglaterra, em 1990.

A novidade, por aqui, é o tal do comum acordo. Para que ninguém fique exposto à segunda troca de comando, Grêmio e Tiago Nunes, mais Sport e Umberto Louzer, foram os pioneiros em aplicar essa fórmula que esconde apenas um eufemismo. Dado Cavalcanti, que treinou o Bahia até a 16ª rodada, diz que a possibilidade de negociar a saída dessa forma "não resolve o problema da rotatividade, é só um jeito de burlar o regulamento". E, como a valsa prossegue, de modo triste e inapelável, logo no início do segundo turno o presidente do Atlético-GO anunciou a demissão de Eduardo Barroca depois de apenas quatro meses de trabalho. Um presente para quem adivinhar o tom da decisão. Cabe spoiler: "Após reunião com Eduardo Barroca, chegamos, em comum acordo...". Ah, tá. Agora vai. ■

“DEFENDER TAMBÉM É UMA ARTE”

Quem garante é o italiano **Franco Baresi,** que revolucionou a posição de líbero e virou uma lenda do Milan e da *Azzurra*. Ele esteve no Brasil para a gravação de um documentário e falou a PLACAR sobre passado e presente, glórias e decepções

Luiz Felipe Castro

Franco Baresi. O nome tem um quê de romantismo. Quem seguia o futebol nas décadas de 80 e 90 certamente se lembra do espetacular líbero italiano que, com rara leitura de jogo, técnica e valentia, além de invejável elegância, barrava gênios como Maradona, Platini, Zico e Romário. Era um *fuoriclasse,* como dizem em sua terra. Em setembro, o ex-jogador de 61 anos esteve no Brasil para a gravação de *Facing Fate,* uma série documental produzida pelo Grupo LX sobre como superar adversidades. Ele pode falar com propriedade: órfão na adolescência e desprezado na base da Inter de Milão, onde seu irmão atuava, persistiu e fez história no rival Milan, seu time do coração. Foram 719 partidas, seis *scudetti* e três Ligas dos Campeões, entre outras taças, até ter sua camisa 6 aposentada com todas as honras. Pela seleção italiana, viu do banco o título mundial de 1982 e brilhou no vice-campeonato em 1994 com uma incrível história de superação, relatada na entrevista a seguir. A PLACAR, a lenda *rossonera,* que segue no Milan, agora como vice-presidente, relembrou as passagens fundamentais de sua trajetória.

No Brasil, geralmente quando pensamos em futebol arte, o tal “jogo bonito”, nos referimos a atacantes ou meio-campistas. O senhor, no entanto, talvez seja o melhor exemplo de que também existem craques entre os defensores. Defender também é uma arte. Claro que no futebol quem faz o gol ou dá a assistência é quem levanta a torcida, mas quem salva um gol com uma ação também tem sua importância.

> *Apesar de eu não ser tão alto (1,76 metro), nunca tive medo dos grandões. O problema eram os imprevisíveis, como o Maradona, que era pequeno, mas sempre podia criar problema. Eu sofria mais com os rápidos”*

O senhor esteve muito perto de conquistar a Bola de Ouro — foi o segundo colocado em 1989. Anos depois, Fabio Cannavaro conseguiu o feito. De alguma forma, como um membro da escola italiana de zagueiros, se sentiu representado por ele? Sim, fiquei feliz, pois sabemos que no futebol é muito difícil que um defensor vença a Bola de Ouro. Atacantes e goleadores têm vantagem, porque o gol é a essência do futebol e da equipe, por isso se destacam mais. Mas eu nunca tive problema com isso, era feliz da mesma forma.

Que tipo de atacante dava mais trabalho, aqueles mais fortes e altos ou os mais rápidos e habilidosos? Todo atacante pode acabar criando problemas. Eu sofria mais, seguramente, com os rápidos, aqueles que tinham uma fantasia a mais. Apesar de eu não ser tão alto (1,76 metro), nunca tive medo dos grandões. O problema eram os imprevisíveis, como Maradona, que era pequeno, mas sempre podia criar problema.

A Itália tinha a tradição de montar suas equipes baseada na defesa, com grandes goleiros, zagueiros e laterais. Hoje, porém, a Itália voltou a vencer com um estilo mais ofensivo. Gostou dessa mudança? Sim, gostei muito. Foi uma surpresa para todos ver a qualidade técnica desse time, o técnico Roberto Mancini teve muito mérito de unir o grupo e valorizar sua qualidade, não só defender, mas também impor o próprio jogo.

Vê a Itália como favorita à Copa do Mundo no Catar? A Itália cresceu muito, mas Copa é outra história, estarão os melhores do mundo, não só da Europa. Temos um grupo que, se mantiver o nível, poderá dar trabalho, porque o futebol italiano tem experiência e tradição. Podemos fazer um bom papel.

Durante sua carreira, o senhor enfrentou diversos times e jogadores brasileiros. Qual mais o impressionou? Sou um amante do futebol brasileiro, seus jogadores sempre me fascinaram e conheci muitos no Campeonato Italiano. Como não falar de Ronaldo Fenômeno, Kaká, Cafu... Tem o Aldair, que

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O craque, aos 61 anos: uma bela história de resiliência e força de vontade

para mim foi um dos maiores da história. Também Zico e Romário, que enfrentei pela seleção.

Quais as suas recordações da derrota para o São Paulo no Mundial de Clubes de 1993, no Japão? Aquela partida foi muito estranha e difícil. O São Paulo era uma grande equipe, de talento e experiência, e infelizmente nós cometemos alguns erros que nos custaram a derrota.

No documentário que está sendo gravado no Brasil, o senhor fala muito de resiliência e força interior, algo que esbanjava na Copa de 1994. Dá para chamar aquilo de "milagre"? Sim, na verdade o documentário nasce um pouco desse episódio. Em meu livro conto sobre esses vinte dias que vivi naquela Copa, que era a minha última chance. Machuquei o joelho na segunda partida, operei o menisco e voltei a tempo de jogar uma final. Isso mostrou que é preciso sempre ter esperança, força mental, capacidade de se adaptar. A final foi a partida mais bonita da minha carreira. Depois de tantos anos, revejo as cenas e penso: como foi possível? Será difícil ver algo assim novamente.

Outro documentário recente, *O Divino Baggio*, na Netflix, deixa claro como o pênalti desperdiçado na final o atormentou por toda a vida. O senhor, apesar de ter feito sua melhor partida, também errou uma penalidade. Como lida com esse erro? Claro que foi uma desilusão grande, chegar a uma final e perder nos pênaltis é sempre duro, mas meu pensamento sempre foi além. Eu me sinto muito honrado e feliz de ter jogado aquela final e, no fim, é esporte, um ganha, outro perde. Temos de respeitar o ganhador. Claro que foi uma decepção, mas, ao mesmo tempo, um privilégio de ser protagonista de uma final de Copa, algo que sonhei desde que era criança.

NEAL SIMPSON/EMPICS/GETTY IMAGES

O implacável marcador de Romário na final de Los Angeles: volta-relâmpago pós-cirurgia

LUTZ BONGARTS/BONGARTS/GETTY IMAGES

Com o irmão Beppe, da Inter: rivalidade resolvida na macarronada da *nonna*

ALESSANDRO SABATTINI/GETTY IMAGES

O pênalti perdido contra o Brasil, em 1994: desfecho triste de uma Copa heroica

Campeoníssimo no Milan: um dos grandes nomes do clube italiano de todos os tempos

MARC FRANCOTTE/TEMPSPORT/CORBIS/GETTY IMAGES

Em 1982, o senhor também teve o privilégio de assistir do banco àquela vitória por 3 a 2 da Itália sobre o Brasil, nas quartas de final. Sim, foi uma experiência incrível. O Brasil era o favorito, mas a Itália fez um grande jogo. O Brasil talvez tenha nos subestimado um pouco.

Qual Brasil era o melhor, o de 1982 ou o de 1994? O Brasil de 1982 talvez tivesse mais qualidade, mas o de 1994 era muito sólido, mais forte...

O senhor é o Baresi mais famoso, sobretudo no Brasil, onde poucos sabem que seu irmão, Beppe Baresi, foi um grande ídolo da Inter de Milão. Como era enfrentá-lo em um clássico com tanta rivalidade? Meu irmão e eu jogávamos em grandes equipes e sempre que nos cruzávamos no dérbi era emocionante. Mas nunca o enxerguei como um adversário, foi sempre o meu irmão.

Dava para brincar em campo ou ali dentro era guerra? Dava, claro, brincávamos antes do jogo, sim. E depois quem perdesse pagava a janta.

Sua avó, grande incentivadora de sua carreira, torcia pela Inter ou pelo Milan? Na família, no início éramos mais milanistas, mas depois que meu irmão passou a jogar pela Inter já não havia preferência.

A propósito: em seu início no Milan, o senhor chegou a disputar duas vezes a Série B antes de ganhar tudo com a equipe. Hoje, o Milan está de volta à Liga dos Campeões, mas não ganha o *scudetto* há mais de dez anos. Acredita que a história de redenção pode se repetir? Voltamos à Champions depois de sete anos, fizemos um bom papel nacionalmente e agora queremos sucesso internacional. Estamos aproveitando o momento e estou convencido de que faremos um bom papel. ■

ATÉ ONDE VAI O SHERIFF?

O raio caiu duas vezes no mesmo lugar e o campeão da Moldávia venceu o Shakhtar e o Real Madrid (em pleno Bernabéu). Os estreantes podem chegar às oitavas?

Gabriel Pillar Grossi

As 32 partidas disputadas nas duas primeiras rodadas da fase de grupos da Champions tiveram um pouco de tudo. Messi marcou pela primeira vez pelo Paris Saint-Germain com um típico gol de Messi (perna esquerda, de primeira, perto da linha da grande área, sem chance para o goleiro). Cristiano Ronaldo foi substituído inexplicavelmente no primeiro jogo e fez o gol da virada sobre o Villarreal aos 49 do segundo tempo. O Manchester City fez 6 a 3 na estreia. Liverpool, Ajax, Borussia Dortmund, Juventus e Bayern mostraram força e garantiram os 6 pontos. Haller, atacante do time de Amsterdã, disparou na artilharia, com cinco gols (quatro contra o Sporting e mais um sobre o Besiktas). Lewandowski já tem quatro (dos oito do Bayern). Claudinho anotou o primeiro pelo Zenit. Barcelona e Milan perderam os dois jogos e a Inter só empatou um.

Mas nada se compara ao Sheriff. Para muitos, o campeão da Moldávia deveria ficar feliz de participar pela primeira vez da Liga e viver seu sonho de uma noite de verão. O que se viu foi mais parecido com o meme que diz que esse é "o começo de um sonho". Resta saber se jogadores e torcedores vão poder postar que "Deu tudo certo" ao final da primeira fase. A zebra pintou pela primeira vez no dia 15. Jogando em casa, no Sheriff Stadium, não deu chance ao Shakhtar e venceu por 2 a 0. O melhor ainda estava por vir. No dia 28, o time de Tiraspol viajou à Espanha e em pleno Santiago Bernabéu, diante de 24 552 torcedores, bateu o Real Madrid por 2 a 1. O raio havia caído duas vezes no mesmo lugar.

A façanha rendeu espanto, brincadeiras e provocações. Talvez a maior ironia esteja no fato de o pequeno Sheriff ter dado uma de Davi e derrotado o Golias que sonha com a elitista Superliga (justamente dentro de sua imponente casa). "Foi lá mostrar ao senhor antifutebol Florentino Pérez que esse esporte vai além do dinheiro", resumiu Eugênio Leal, dos canais ESPN e Fox Sports.

O brasileiro Cristiano: três assistências nos primeiros dois jogos

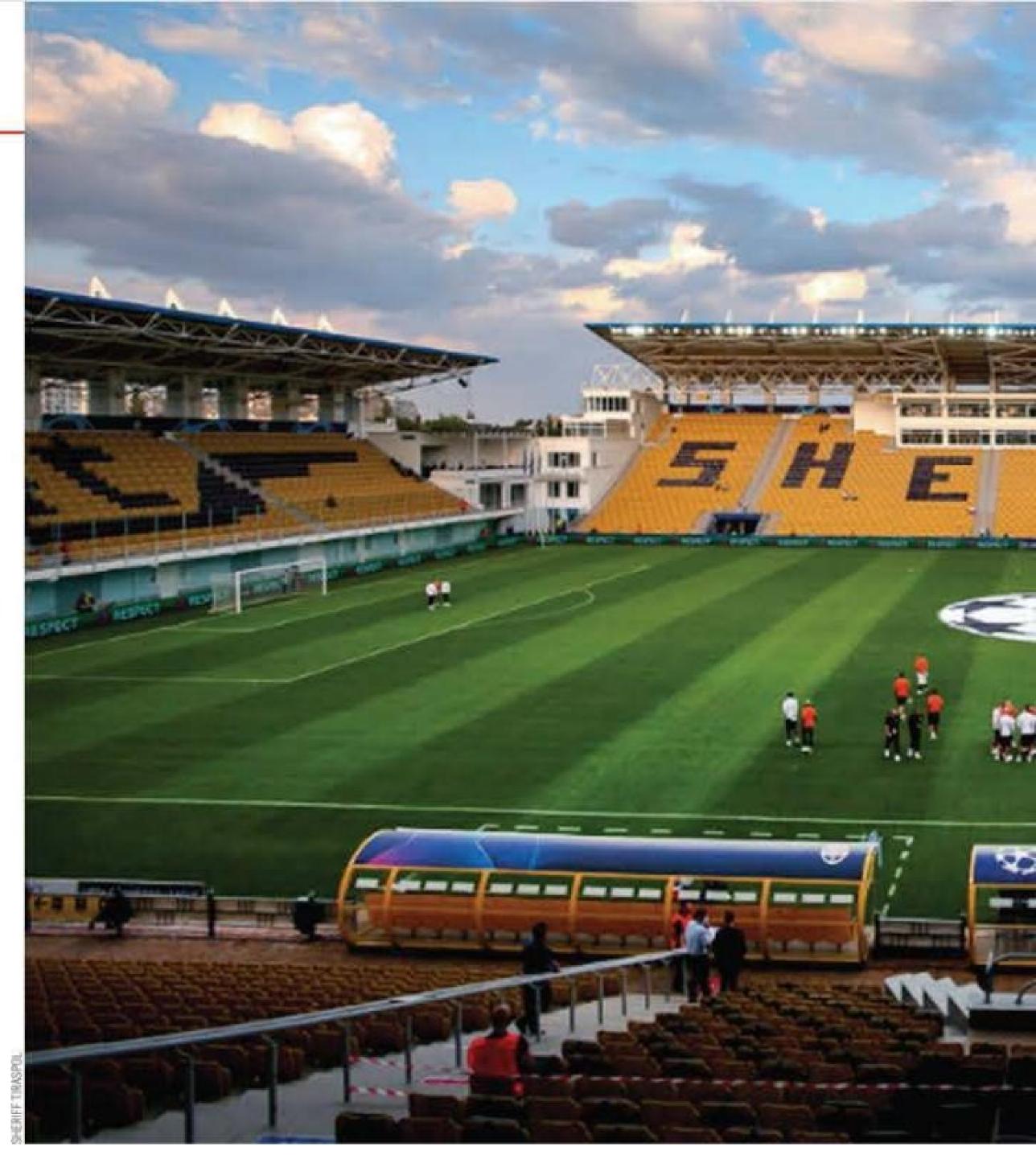
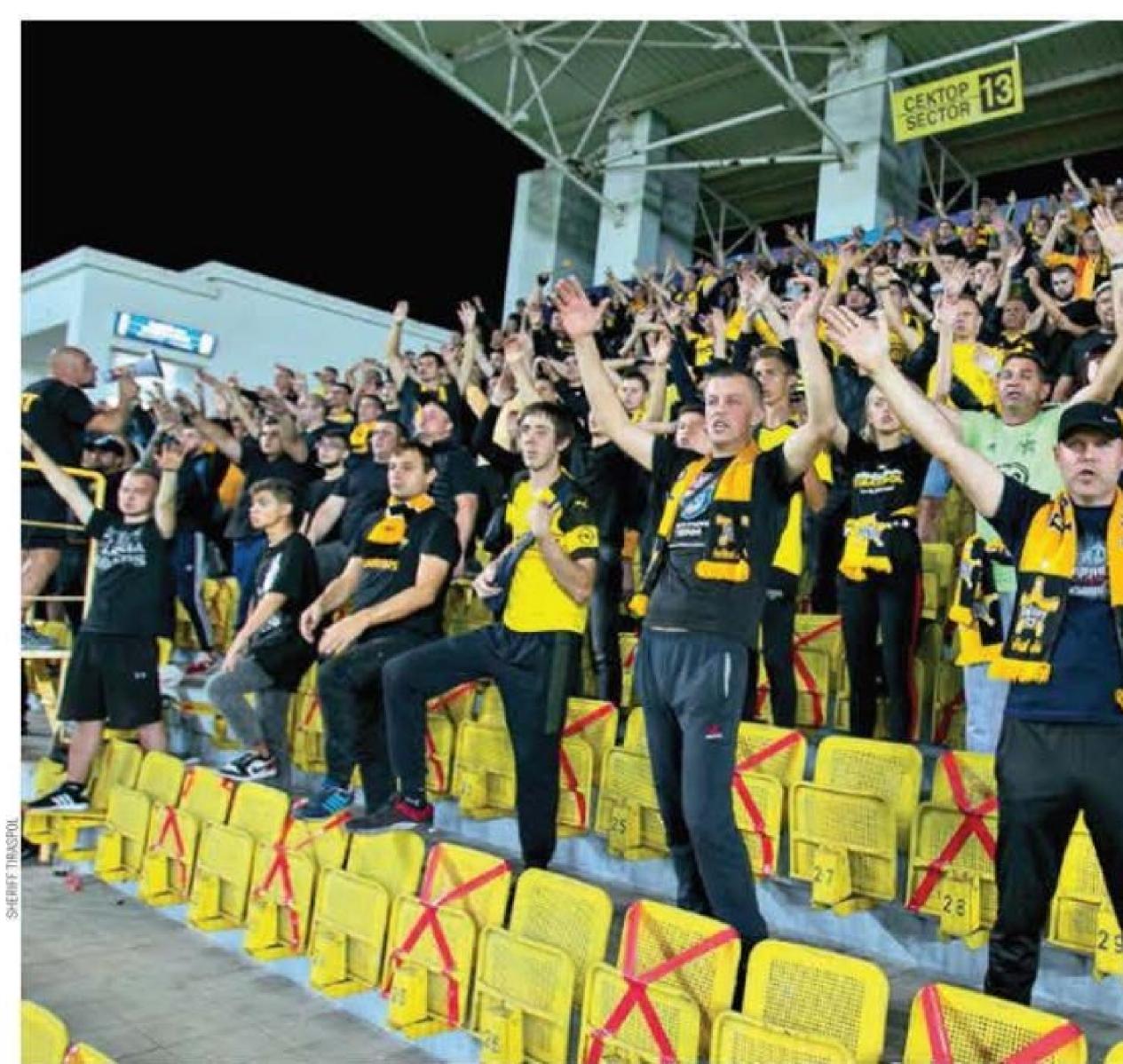
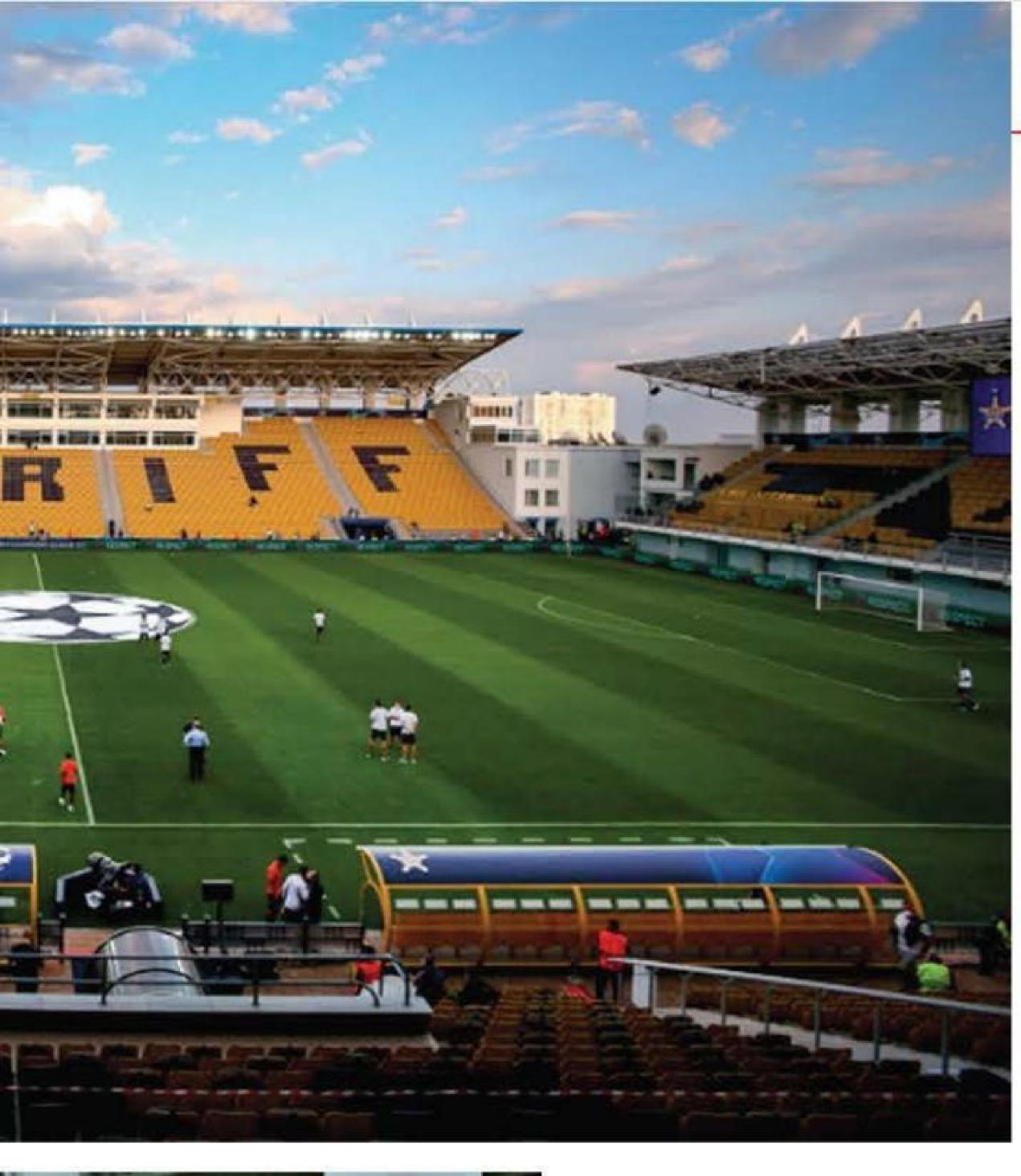
OSCAR J. BARROSO/EUROPA PRESS/GETTY IMAGES

Thill, autor do gol da vitória sobre o Real: sonhando com a taça na tatuagem

O jogo foi divertido, para quem assistiu a ele de sangue doce. O poderoso Real, que já conquistou o troféu continental treze vezes, teve 76% de posse de bola, treze escanteios (contra nenhum) e 31 finalizações nos noventa minutos (onze das quais no gol). Só conseguiu marcar num pênalti sofrido por Vinícius Júnior, que Benzema bateu sem chance para o goleiro. No resto do tempo, foi ele, Giorgios Athanasiadis, quem segurou tudo e garantiu o resultado. Aos 28 anos, o atleta grego de nascimento chegou este ano por empréstimo ao clube moldávio. Com 1,91 metro de altura, vem trabalhando pesado desde a segunda fase pré-classificatória da Champions.

Já o Sheriff fez o que todos esperavam. Defendeu-se o tempo inteiro. Finalizou três vezes, marcou dois gols e teve outro corretamente anulado. Aos 25 minutos do primeiro tempo, o brasileiro Cristiano deu o passe para Yakhshiboev abrir o placar. Foi a terceira assistência do jogador nascido no Rio de Janeiro que, há dez anos, trabalhava num estaleiro limpando navios e submarinos. No intervalo, 1 a 0 no placar. No segundo tempo, pressão total, até o empate. E, aos 44 minutos, Sebastien Thill, num chute à la Messi, selou o resultado inacreditável.

Nascido em Luxemburgo, o maior jogador do pequeno país é também o responsável pelo bom desempenho da seleção nacional, que saltou para o 36º lugar no ranking da Uefa. Aos 27 anos, ele tem as duas pernas inteiramente tatuadas. Na esquerda, uma imagem de si mesmo, de costas, sonhando com a taça da Champions. "Jogamos muito bem hoje, com inteligência", afirmou Thill após o apito final contra o Real. "E fui suficientemente sortudo para acertar aquele petardo e marcar." O técnico, Yuriy Vernydub, era só alegria. "Estou

SHERIFF TIRASPOL

SHERIFF TIRASPOL

O Sheriff Stadium, em Tiraspol, e a animada torcida: eles querem se separar da Moldávia e juntar-se à Rússia de Putin

emocionado e agradecido aos meus garotos pelo que eles fizeram."

Depois de duas rodadas, a classificação mostra o Sheriff na liderança, com 6 pontos ganhos. O Real tem 3 pontos e Shakhtar e Inter de Milão, que empataram entre si, só conquistaram 1. No dia 19 de outubro, o time italiano enfrenta o moldávio, que foi fundado há apenas 24 anos, lidera o futebol em seu país (tem dezenove títulos nacionais), mas é protagonista de um pequeno conflito geopolítico: Tiraspol, cidade com 160 000 habitantes, é a capital da Transnístria, que quer se separar da Moldávia e juntar-se à Rússia — para isso, conta com Exército, moeda e canais de televisão próprios.

O dono do clube é o principal magnata local: tem lojas, supermercado e postos de gasolina, entre outros negócios. A estrutura para os boleiros é invejável. Além de vários centros de treinamento, há três estádios: um coberto, para suportar o frio rigoroso do inverno, um para os jogos nacionais e o outro para as competições internacionais. No *Guia da Champions*, PLACAR brincou no título sobre o time. "Eu não sou daqui" revela essa dualidade, tanto no aspecto político quanto no que parecia ser o destino na competição: virar o saco de pancadas do grupo D.

Como acontece no mundo todo, a evolução do Sheriff passa pela presença de brasileiros no elenco. O atacante piauiense Luvannor chegou a se naturalizar moldávio, mas deixou o time recentemente. Foi substituído pelo paulista Bruno, que atuava no futebol grego. Fernando Costanza, ex-Botafogo, também chegou para a atual temporada. Cristiano, o lateral-garçom, saiu de Volta Redonda em 2017 e está totalmente identificado com a região e a torcida.

Antes da estreia, ele afirmou ao site de PLACAR: "A gente sabe que vai ser muito difícil, mas nada é impossível. Não foi à toa que chegamos até a fase de grupos da Champions e nós queremos mais". Logo após a vitória sobre o Real Madrid, o capitão Frank Castañeda reforçou a aposta na confiança. "Viemos aqui para ganhar", afirmou o atacante colombiano. "Temos bons jogadores e, para nossa sorte, o Real não conseguiu converter as oportunidades, enquanto nós aproveitamos todas. Nosso objetivo é chegar às oitavas de final e seguimos sonhando com isso." Até onde vai esse Sheriff? ■

Com colaboração de Guilherme Azevedo e Luca Castilho

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

A dupla celebra o gol solitário contra os Estados Unidos: no sufoco

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ISTOCK/GETTY IMAGES

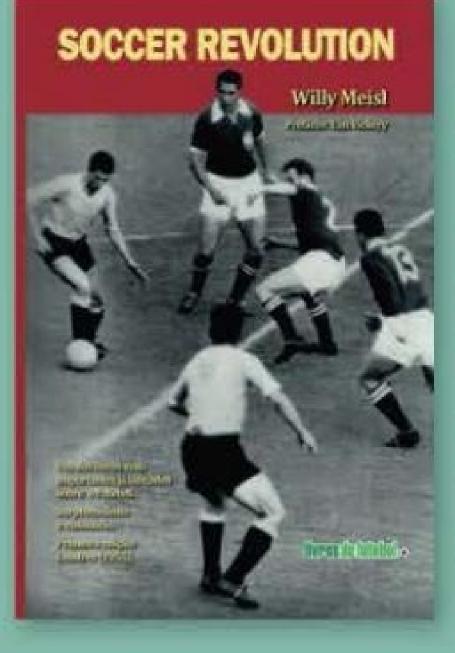
O treinador mineiro: equipes ofensivas

CARLOS NAMBA

NICO ESTEVES

QUE DUPL

O flamenguista, aos 22 anos: sujeito tranquilo e familiar, filho da classe média

FOTOS RICARDO BELIEL

Em agosto de 1986, PLACAR pôs duas jovens promessas na capa. Oito anos depois, Bebeto e Romário lideraram a seleção brasileira na conquista do tetracampeonato mundial, nos Estados Unidos

No longínquo agosto de 1986, PLACAR pôs duas jovens promessas na capa. O Brasil já teve inúmeras duplas de ataque inesquecíveis. Bebeto e Romário têm um lugar especial nessa lista. Eles sempre foram apontados como personagens antagônicos — um era um garoto de classe média, caseiro e pacato, enquanto o outro, nascido num bairro pobre, gostava de agito e badalação. O fato é que os dois têm inúmeros pontos em comum: foram pela primeira vez a uma Copa do Mundo em 1990, na Itália. Juntos, conquistaram o tetra quatro anos depois, acabando com um jejum de 24 anos da seleção. Bebeto ganhou projeção no Flamengo e foi para o Vasco; Romário fez o caminho inverso. Ambos foram jogar na Europa e no Oriente Médio. E hoje são políticos. Bebeto é deputado estadual pelo Rio de Janeiro e Romário, senador pelo estado.

Quando, porém, tudo isso era apenas um sonho, um futuro que ninguém imaginava como seria construído, PLACAR apostou nas promessas. Em agosto de 1986 estampou os jovens (então com 22 e 20 anos, apontados como os substitutos de Zico e Roberto Dinamite) na capa da revista com o nada modesto título “Os novos reis do Rio”.

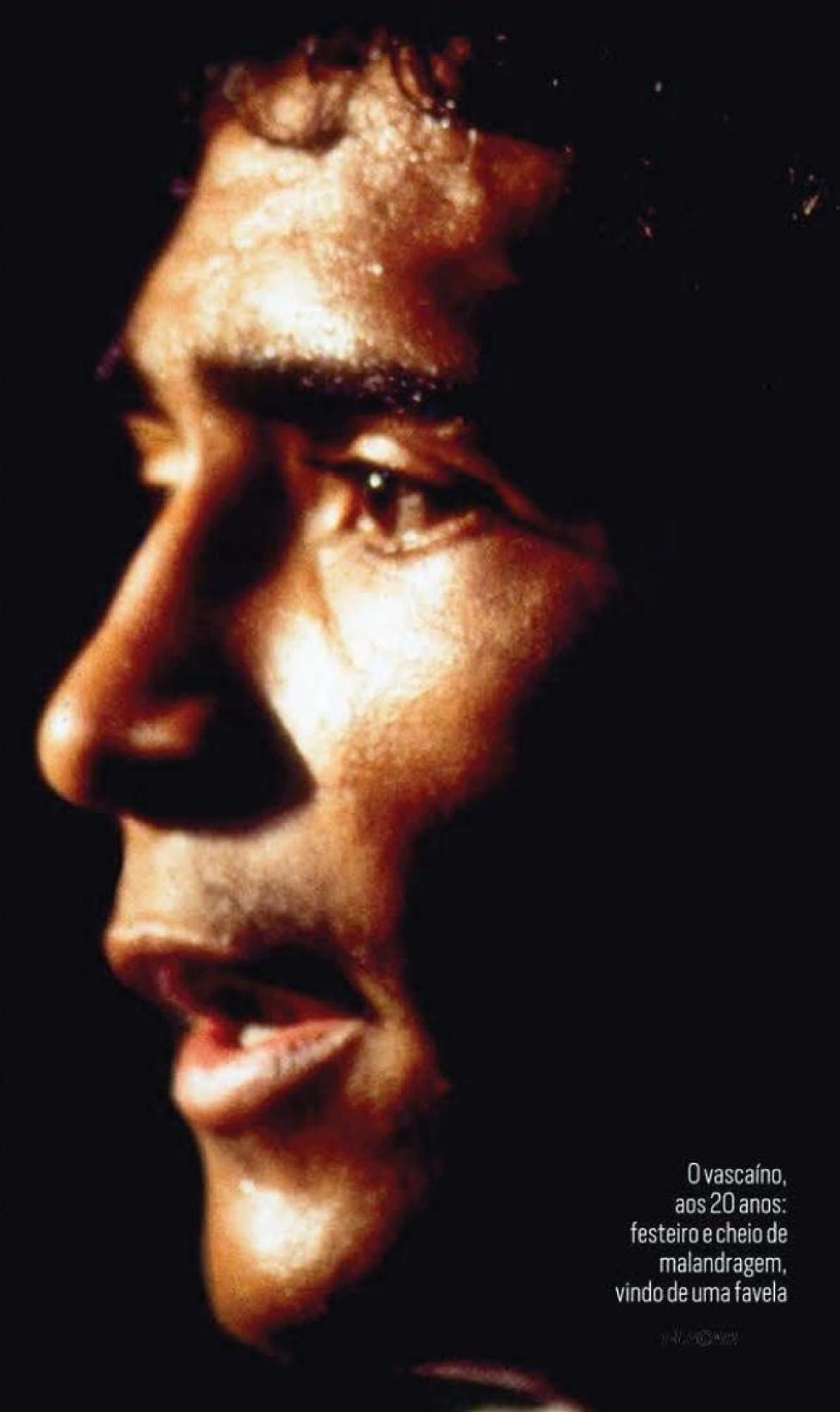
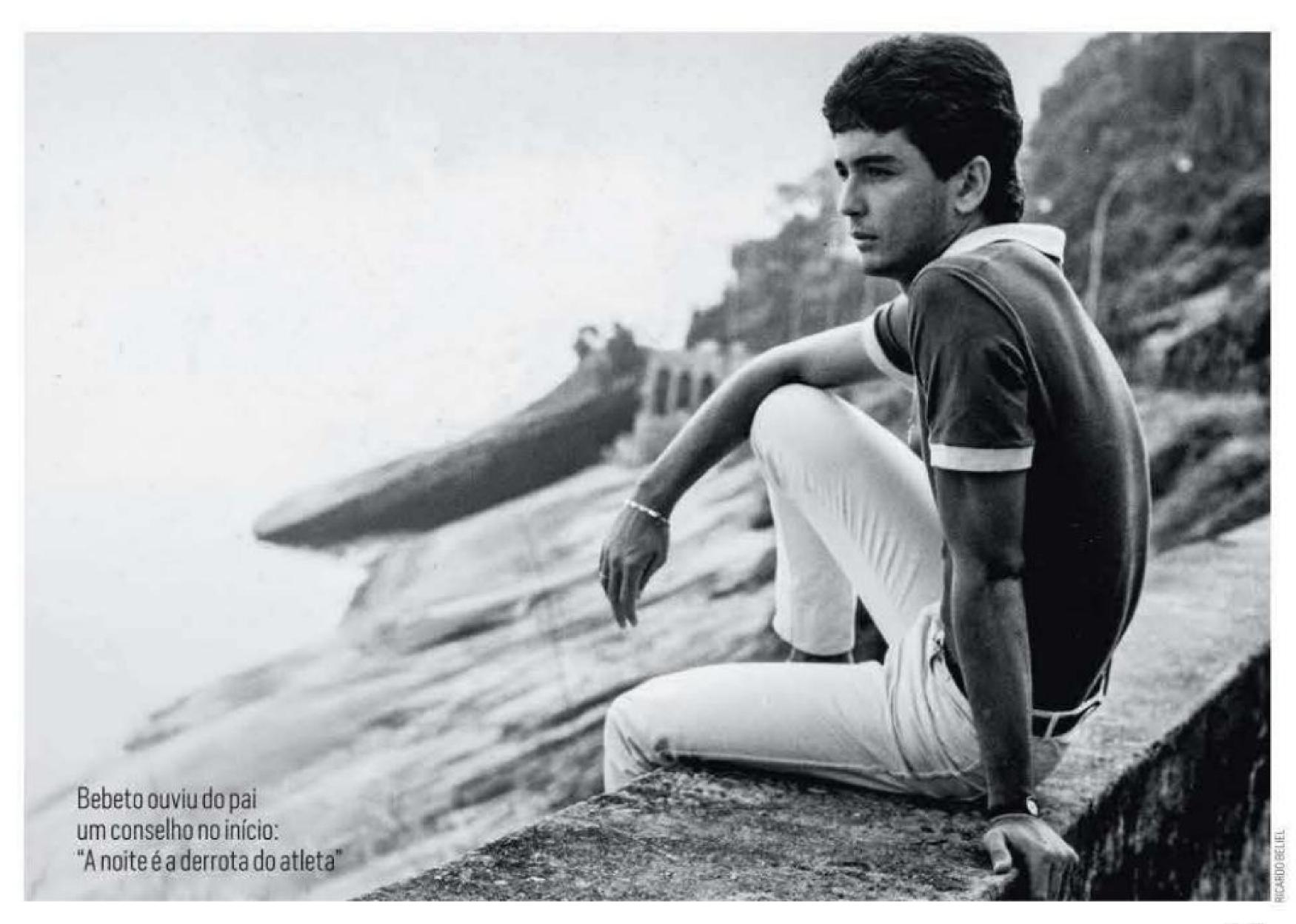
A, BRASIL

Recentemente, quando a imagem completou 35 anos de sua publicação original, o site GE contou a história da foto e de seu autor, Ricardo Beliel. "Hoje é mais difícil uma imagem como essa", disse o fotógrafo. "A imprensa nem sequer pode entrar no gramado como antes e o contato com os jogadores passou a ser intermediado pelos assessores."

Ao ver a reportagem, Romário postou o link no Twitter, destacando: "A gente nem imaginava que, oito anos mais tarde, ia ganhar uma Copa do Mundo! Muita história rolou desde esse dia!". Entrevistado por PLACAR, o senador lembra que ele e Bebeto eram grandes rivais naquela época, "mas sempre estivemos entre os grandes e era inevitável jogarmos juntos na seleção, o que de fato aconteceu". Segundo o Baixinho, a principal lembrança daquele tempo é jogar no Maracanã. "Como eu nunca tinha atuado com o Bebeto até então, eu tentava brincar com ele, fosse para tirá-lo um pouco do jogo, fosse para proporcionar um espetáculo ainda melhor." Desde então, o camisa 11 já afirmou inúmeras vezes que o camisa 7 foi seu melhor parceiro. "Acima de tudo, o respeito que tivemos um pelo outro ajudou a formar a maior dupla de todos os tempos do futebol mundial por uma seleção", conclui Romário, com sua habitual modéstia. Leia nas páginas a seguir a brilhante e pioneira reportagem original, publicada há 35 anos. Ela foi assinada por Tim Lopes, o repórter barbaramente morto por traficantes no Complexo do Alemão, no Rio, em 2002, e por Milton Costa Carvalho.

O vascaíno, aos 20 anos: festeiro e cheio de malandragem, vindo de uma favela

Bebeto ouviu do pai um conselho no início: "A noite é a derrota do atleta"

RICARDO BELIEL

OS NOVOS REIS DO MARACANÃ

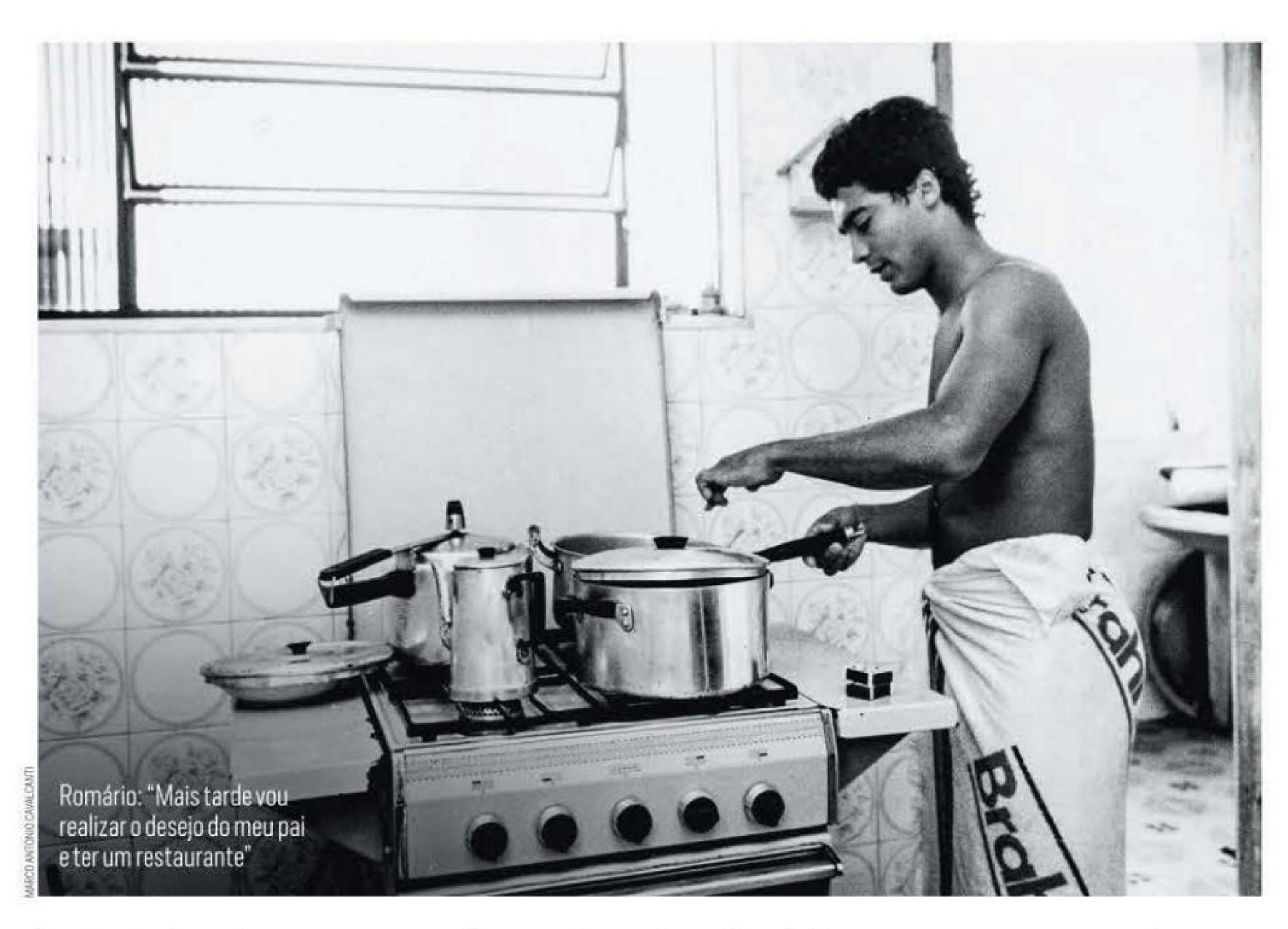
Opostos em quase tudo, Bebeto, do Flamengo, e Romário, do Vasco, pavimentaram um dos mais animados duelos do futebol brasileiro, atalho para o sucesso da dupla de opostos na seleção brasileira

Eles são completamente diferentes. Um é tranquilo e familiar. O outro é festeiro e cheio de malandragem. A um não faltaram proteínas na infância. Ao outro sobraram as agruras de ter crescido numa favela. Em comum, no entanto, os dois têm o destino: são os novos ídolos das duas maiores torcidas do Rio de Janeiro — Flamengo e Vasco.

Um é filho da classe média. O outro é o típico menino pobre em ascensão social. Um é caseiro e bem-comportado. O outro tem um jeito malandro e adora uma roda de samba. O rubro-negro Bebeto, 22 anos, baiano, gosta mesmo é de curtir o minizoológico que mantém no quintal de sua confortável mansão na Barra da Tijuca — bairro que acolhe uma geração de novos-ricos no Rio de Janeiro. Já o vascaíno Romário, 20 anos, carioca da gema, conserva a esperteza de quem nasceu na favela do Jacarezinho, uma das maiores da cidade, e ainda mora no subúr-

A capa de PLACAR: celebração de uma boa rivalidade

Romário: "Mais tarde vou realizar o desejo do meu pai e ter um restaurante"

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

bio de Vila da Penha. Em comum, uma coisa: eles são os novos reis do Maracanã.

Com cara e físico de garotos, os dois, às vezes, ainda ensaiam manha quando os gols não saem ou algo lhes desagrada. Estão gravadas na memória do torcedor as cenas em que o franzino Bebeto, de aparelhos corretivos nos dentes, reclamava muito e caía à toa em campo; ou o desligado Romário, que teimava em parecer ausente das partidas em momentos cruciais. Mesmo assim, eles já conquistaram o coração de suas apaixonadas torcidas.

Prova disso Bebeto teve na final de 1984, quando um Fla-Flu decisivo levou mais de 155 000 pessoas ao Maracanã. O tricolor acabou campeão, com um gol de Assis, mas o time rubro-negro deixou o campo de cabeça erguida, certo de que havia brindado sua plateia com uma bela exibição. Bebeto, não. Saiu amargurado. Ao chegar em casa, um grupo de meninos o esperava com uma faixa improvisada: "Levante a cabeça, Bebeto. Você é o maior". Valeu a lição.

Romário também já sentiu na pele os humores da torcida. "Um dia você é idolatrado, no outro, não passa de vilão", diz. Essa sensação se cristalizou para o artilheiro quando o Vasco ganhou a Taça Guanabara deste ano. No intervalo do jogo com o Fluminense, um torcedor não parava de xingá-lo de mascarado, enganador. No fim, já com o título na mão e um gol com sua assinatura, ele viu o mesmo torcedor ajoelhar-se a seus pés, chorando e pedindo desculpas. "Aquilo me impressionou profundamente."

De temperamento calmo e sossegado, Bebeto não deu muito trabalho ao pai, Wilson Carvalho de Oliveira, corretor de imóveis aposentado, quando veio para o Rio. Mesmo de Salvador, ele controlava o garoto com suas cartas e conselhos. "A noite é a derrota do atleta, traz amigos interesseiros, mulheres perigosas e tem ainda a poluição do cigarro, a maconha, as bebidas", alertava "seu" Wilson. "Quero que você siga o exemplo do Pelé e do Zico, que nunca entraram nessa de falsos amigos, noites perdidas. Espero que você seja o maior do mundo."

Parece que ele seguiu os sermões paternos. Não caiu nas tentações da Cidade Maravilhosa, arranjou logo uma namorada, Denise — jogadora do time juvenil de vôlei do Flamengo —, e tratou de treinar cada vez mais para se

A batida policial: "Dispensa o cara, 'seu' guarda. É o Romário do meu Vascão"

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

aperfeiçoar. Na Gávea, ninguém mais se lembra do ponta de lança mirrado, adquirido ao Vitória, da Bahia, há três anos. Na época, muitos viam nele "um diamante raro, mas precisando de lapidação" ou um "cavalo selvagem, pronto para ser domado".

Hoje, pergunta-se se já não teria começado a "era Bebeto". José Roberto Gama de Oliveira não se amedronta com essa possibilidade. "Um novo Zico?", indagam alguns. As coincidências são várias: os dois despontaram no próprio Flamengo, jogaram na ponta direita no início de suas carreiras, tiveram como preparador físico José Roberto Francalacci e integraram a seleção brasileira de juniores.

Romário, por sua vez, teve de driblar o deslumbramento que o dinheiro proporciona a quem nunca o teve. "Eu ficava olhando aqueles jogadores e seus carrões e só pensava que um dia teria um igual", conta. Não é preciso ser esperto para deduzir que sua prioridade ao receber o primeiro salário como profissional foi comprar um carro. Um só, não. Adquiriu logo dois, de uma tacada.

Para quem foi criado numa favela insalubre — "Quase morri de bronquite quando era criança" —, o sonho do automóvel é tão importante quanto o da casa própria. No terreno que o pai, Devair, tem na Vila da Penha, Romário começou a construir três apartamentos para alojar toda a família. "Mais tarde vou realizar o desejo de meu pai — ter um restaurante", planeja.

Enquanto isso não acontece, Romário de Souza Faria curte passear com seu carrão, na favela do Jacarezinho, para saborear os tributos de seu reinado. Na Praça da Concórdia, coração do aglomerado de casas, barracos, vielas e becos onde se amontoam 100 000 pessoas, o Monza cinza, chassi rebaixado, superequipado com rádio, toca-fitas e minitelevisão, é um momento de luxo.

Dos bares, tendinhas, janelas e portas, as pessoas acenam, sorriem e gritam o nome do motorista. O jovem de pele morena mal estaciona e se vê cercado por dezenas de crianças, mulheres e velhos amigos. O jogador fecha o carro e se encaminha para um beco onde mora sua tia Nilza. A visita não dura mais que cinco minutos. Quando sai, um menino dá um toque: "A polícia está cercando seu carro". Ele sorri e agradece: "Tá limpo".

E o pagodeiro continua andando, brincando, dando autógrafos. Na pracinha, alguns PMs armados de metralhadora esperam pelo motorista. Com seu andar de malandro, bermuda de veludo amarela, tênis da mesma cor e um bonezinho colorido, Romário puxa os documentos e acaba logo com a dúvida dos homens. Como que por encanto, os policiais desaparecem e o ídolo é aplaudido como herói.

Na hora de voltar para casa, na Penha, Romário não escapa de outra abordagem: três guardas de trânsito desconfiam do "suspeito" e o fazem frear bruscamente o carro. De novo, apresenta os documentos e os policiais, surpresos, liberam-no rapidamente enquanto ouvem o debochado comentário de um torcedor: "Dispensa o cara, 'seu' guarda. Não tá vendo que é o Romário do meu Vascão?".

O artilheiro acena para o solidário fã e entra no automóvel, que desliza pela congestionada Avenida Suburbana. A música que sai do toca-fitas o faz batucar no volante. É a voz de Zeca Pagodinho, que, ao lado de Almir Guineto, forma a dupla de sambistas preferida do jogador.

Tal cena certamente não aconteceria com Bebeto. Do outro lado da cidade, na elegante Barra da Tijuca, a polícia não costuma parar rapazinhos de pele clara ao volante de equipados Monzas. Nem o atacante do Flamengo teria o que fazer dentro de uma favela. Seu dia a dia é bem menos agitado que o de seu companheiro de subúrbio. Bebeto não costuma sair de casa, prefere a família e seus bichos.

Na semana passada mesmo, ele comemorou seu primeiro título como profissional ficando em casa, junto com os parentes e a namorada. Não vai a discotecas, a shoppings, outros lugares da moda. Permite-se, sim, sair algumas vezes em companhia de Mozer ou Leandro, e de Denise. No máximo vão jantar fora.

Com a mesma tranquilidade, Bebeto vem preparando seu futuro. Isso, para ele, significa evoluir

DAVID CANNON/ALLSPORT/GETTY IMAGES

Sem o 7, o 11 não brilharia como brilhou em 1994, na Copa dos Estados Unidos: os donos do tetra

tecnicamente. "Só agora estou aprendendo a marcar", confessa. Apesar de não lhe terem faltado proteínas na infância, o rubro-negro também se preocupa com sua independência econômica. Para isso já criou a firma Bebeto Produção e Publicidade Ltda. O que ele quer é fazer seus próprios contratos e servir a outros jogadores que se interessem. O Monza com que circula atualmente, por exemplo, já foi conseguido em troca de propaganda. Em pouco tempo, sua imagem aparecerá vendendo produtos que não sejam cigarros e bebidas.

Pensando grande, esse baianinho mal chegou ao Flamengo, em 1983, e já vestiu a camisa amarela para ser campeão sul-americano e mundial de juniores, tudo no mesmo ano. Romário perdeu sua oportunidade de ser campeão mundial no ano passado. Foi desligado da delegação pelo técnico Jair Pereira por ter mexido com algumas mulheres de seu quarto de hotel em Copacabana, Rio de Janeiro. "Isso é passado", diz sobre o episódio, que quase pôs a pique sua iniciante carreira.

Aos poucos, os dois vão se moldando ao papel de ídolo que os espera. Bebeto, com seu futebol de finos toques, muita garra e elegância. Romário, com seu estilo esperto, de rompantes e muitos gols. Ainda que separados por gostos, temperamento, bairros e clubes, os dois novos heróis do gigante Maracanã têm compartilhado, nos últimos tempos, de emoções parecidas.

Isso ocorreu quando seus nomes foram gritados em coro pelas massas do Flamengo e do Vasco. Viraram alvo do amor extremado dos torcedores a cada final de jogo. E, enfim, compartilharam da aventura de estarem perto de seu primeiro título como profissionais. Desta vez, Bebeto venceu. Mas, na próxima, Romário pode ser o campeão. Será uma batalha de jovens majestades.

* * *

A batalha de jovens majestades, de um lado e outro de dois grandes do Rio, e depois na Espanha — Bebeto no La Coruña e Romário no Barcelona —, resultaria nas inesquecíveis cenas de celebração no tetra de 1994. Na Copa dos Estados Unidos, Romário brilhou com intensidade solar. Mas sem Bebeto ao lado o camisa 11 não chegaria aonde chegou. Os reis do Maracanã fizeram história. ■

ELE VIU TUDO ANTES

As profecias de um dos mais interessantes e influentes livros sobre tática de futebol, lançado em 1955 por um jornalista austríaco, e que pela primeira vez tem tradução para o português

O austríaco Wilhelm "Willy" Meisl (1895-1968) foi o mais relevante jornalista esportivo de seu país — e, durante muito tempo, um dos mais destacados em toda a Europa. Irmão mais novo do lendário Hugo Meisl, treinador do celebrado *Wunderteam*, a seleção da Áustria que encantou o mundo nos anos 1930, com seu inigualável atacante Matthias Sindelar, o "homem de papel", o cronista esteve sempre muito próximo das novidades que invadiam os gramados. Em 1953, a derrota da seleção da Inglaterra para a Hungria de Puskás e companhia por 6 a 3, em Wembley, o levou para a máquina de escrever. No ano seguinte, os magiares voltaram a vencer por 7 a 1 — 7 a 1! — em Budapeste. E então veio a decisão: "Ajudar a salvar o futebol britânico de se afogar num mar de mediocridade". O resultado foi o livro *Soccer Revolution*, de 1955, um clássico visionário, escrito no exílio, em Londres (Meisl fugira do avanço nazista). Havia, em suas páginas, pinceladas do que veríamos a partir da Holanda de Cruyff e Rinus Michels, o Barcelona do toque de bola inigualável, escola de Pep Guardiola. Em *Soccer Revolution*, Meisl defendeu o uso de substituições, os arremessos laterais como ferramenta de ataque e cogitou mudanças até hoje discutidas na cronometragem, com interrupção do relógio quando a bola estivesse fora de jogo.

NEOFOT/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

O cronista Wilhelm "Willy" Meisl: um olho no ontem e outro no amanhã do esporte

O livro se perdeu no tempo, sem novas edições, tratado como lenda inalcançável. O empenho do jornalista carioca Cesar Oliveira, da editora Livros de Futebol, fez renascer a obra. Depois de dez anos buscando autorização para reeditar o trabalho, Oliveira conseguiu autorização com familiares de Meisl. Providenciou a tradução para o português — feita por Pedro Muxfeldt— e ainda ajudou na revisão do texto original, em inglês. PLACAR publica um dos capítulos mais interessantes de *Soccer Revolution*. É leitura fundamental.

IMAGNO/GETTY IMAGES

O *Wunderteam* da Áustria dos anos 1930: a máquina novidadeira liderada pelo atacante Matthias Sindelar

O ESTILO DO FUTURO

O amanhã de ontem é o ontem de amanhã.

O futuro começa agora. É o segundo seguinte, assim como a hora seguinte, o mês, o ano.

O segredo da vida é viver!

Os números de presença de pú-

blico no futebol inglês caíram mais de 5 milhões em cinco anos. O rádio e a televisão experimentam as dores do crescimento, a indústria do cinema desenvolve novas técnicas de atração do público para as salas.

Se o futebol não oferecer um entretenimento de primeira classe, não pode esperar prosperar na dura competição dos nossos dias pelo público. O torcedor de futebol é um seguidor fiel, que não se importa com a falta de conforto, se o material ofertado nos campos de futebol valer a pena o desconforto — e, às vezes, até mesmo a falta de higiene.

Estamos todos no mesmo barco. Naturalmente, não queremos que ele afunde. Mas que navegue altaneiro nas águas do futebol mundial que, conforme esperamos, voltará a ser dominado pela Grã-Bretanha, em um dia não tão distante.

Então, para onde vamos agora? Qual será a tônica do futebol do futuro? Quais táticas prevalecerão e levarão ao sucesso?

O "jogo sem riscos" está morto como mantra. O "parador e mais dez" está morrendo. Pelo menos, em times que se consideram capazes de atingir o sucesso.

Na minha opinião, o futuro pertence ao...

...REDEMOINHO

Ele deve girar em torno da individualidade e do talento completo. Não visualizo o Redemoinho como um sistema, mas sim como a tática que colocará um ponto-final em todos os sistemas de futebol e fará a individualidade ser livre novamente. Na verdade, se analisarmos a história do futebol, perceberemos como esse (último) desenvolvimento remete às origens fortes e saudáveis do jogo.

Antes de 1925 e tudo aquilo que se passou, mal havia um sistema no futebol. Grandes jogadores, que atuavam juntos por diversas temporadas, produziam esse tipo de entendimento mútuo instintivo, quase telepático, que mencionei nos capítulos em que discuti a partida entre Inglaterra e Hungria.

Esses jogadores fazem um time parecer uma orquestra ou o elenco de uma peça de teatro. Assim como bons atores e músicos, eles também estão sempre preparados para pegar a deixa (leia-se "bola") em uma fração de segundo. Eles sabem quando e como ela virá. Ultimamente, esse entendimento instintivo tem sido mais bem desenvolvido no exterior do que na Grã-Bretanha. Mas começamos a compreender a sua importância e decidimos cultivá-lo com mais vigor e concentração.

Sem um entendimento quase perfeito, o sucesso no futebol será cada vez mais inalcançável no futuro. Não podemos negar que as defesas foram enfatizadas em excesso por quase um quarto de século e talvez elas se tornem menos rígidas. Isso não significa que será mais fácil superá-las, pois continuarão formidáveis.

Cerca de 45 anos atrás — no que diz respeito à Grã-Bretanha —, o reinado supremo da individualidade no futebol acabou. Não devemos esquecer que essa foi, também, uma era de jogo coletivo no mais alto nível. Rapidamente passamos para uma era de sistemas

BONGARTS/GETTY IMAGES

A Alemanha campeã do mundo em 1954, na Suíça: susto na Hungria de Puskás e cia.

de jogo e adoração à velocidade. Esses sistemas estão em xeque. Com exceção de algumas jogadas básicas, particularmente na defesa, restará muito pouco deles.

Aqueles com os ouvidos voltados aos gramados de futebol têm ouvido, por algum tempo, a melodia do futuro; ao menos, sua introdução. É o futebol primitivo transposto para uma época de muita velocidade e vigor físico, mas que exige alta qualificação. Ações rápidas e sem intervalos dominarão a cena. Isso lembra o jogo pré-histórico de chutar e correr atrás da bola; tanto quanto o jazz e a arte moderna nos fazem lembrar da polca e de uma floresta. Essa comparação pode não fazer sentido, uma vez que o novo estilo de futebol apelará para o senso de beleza e ritmo do nosso futebol "antiquado", de uma maneira pouco notada na arte moderna em geral. Ao mesmo tempo, o novo estilo de futebol satisfará nosso desejo por ação e eficiência, isto é, gols.

A individualidade combinada a um forte jogo de equipe só pode significar uma coisa:

HABILIDADES COMPLETAS

Não haverá mais duas ou três jogadas bem ensaiadas, repetidas inúmeras vezes. Mas uma infinidade de variações que deverão estar à mão, a todo e qualquer momento. Ideias criativas de uma mente individual não poderão mais ser antevistas como eram, a não ser por um companheiro perspicaz ou um adversário ainda mais atento.

Destruir é muito mais fácil do que construir. Assim, para ter sucesso, o ataque deverá ser muito superior à defesa. Mesmo gênios do futebol devem variar seus métodos para colher os frutos do engenho e do esforço. Além de disporem de um oceano de ondas cerebrais animadas pela imaginação, deverão passear pelo campo como fogo-fá-

SERGIO SADE

E depois do redemoinho imaginado nas páginas do volume perdido houve o carrossel: a Holanda surpreendeu o mundo em 1974

tuo, com exceção do goleiro, ainda que ele também não deva mais se considerar como apenas um jogador preso debaixo das traves.

Durante os últimos anos, a distinção estrita entre um ponta e um armador, ou entre um armador e os jogadores mais recuados, vem sendo dissolvida. Mesmo o "terceiro zagueiro", a causa original da maioria dos nossos problemas, não pode mais se dar ao luxo de manter sua posição na linha de zaga.

As táticas do futuro serão fluidas e os fluidos escorrem por todas as direções. Temos visto alguns jogadores na vanguarda desse processo. Stanley Matthews, por exemplo, corre por todo o campo. Seu instinto parece lhe dizer onde a bola estará alguns segundos depois. Alex Forbes cruza o gramado em zigue-zague. Bons zagueiros, às vezes, se tornam volantes, ou até mesmo atacantes, quando a ocasião aparece, quando o jogo exige isso deles.

Isso é o REDEMOINHO!

Contudo, ele é em geral bloqueado pela má consciência ou, antes, pelos medos que inibem um jogador que antecipa hoje as táticas de amanhã. De alguma forma, ele sente que está à frente do seu tempo e teme o que acontecerá com o espaço de campo que fica deserto na sua ausência. Pode ocorrer um desastre com o time durante a sua ação. Esse medo faz com que ele se apresse em retornar à posição habitual. Essa pressa, normalmente, elimina a chance de sucesso do seu esplêndido avanço.

Na Alemanha e em outros lugares, ideias similares estão surgindo. Porém, não deram atenção suficiente a elas. Ou, bem mais provável, simplesmente não possuem um conjunto suficiente de jogadores de alto nível para fazer o verdadeiro Redemoinho funcionar. *(Aqui, Meisl parece ter, com vinte anos de antecedência, uma premonição da "Laranja Mecânica" holandesa, de 1974.)*

O sucesso alemão na Copa do Mundo de 1954 demonstra que eles não estavam especulando e tentando em vão. Por outro lado, ainda não foram longe o bastante nesse novo caminho. Ainda temem enfraquecer suas defesas. Estando cientes das já citadas questões psicológicas envolvidas no sentimento de se estar à frente do seu tempo. Eles buscaram restaurar a tranquilidade de consciência original.

O que chamo de Redemoinho, os alemães chamam de "Top", com trocas de posição restritas aos atacantes. Já fazemos isso há alguns anos. Os alemães tentam balancear esses movimentos ousados com o notório "duplo parador", ou seja, escalando dois paradores no time. Naturalmente, isso contrabalança, de maneira exagerada, o tímido fortalecimento do ataque e tende a entregar a iniciativa do jogo a um bom adversário.

BARRATTS/PA IMAGES/GETTY IMAGES

O inglês Stanley Matthews: na vanguarda, corria o campo todo

Dois paradores significam inferioridade numérica do meio para a frente. Ao encontrar o "duplo parador", um time dominando o Redemoinho se chocaria contra a barreira defensiva com o impacto devastador de cinco, seis ou sete atacantes; e mesmo dois paradores se mostrariam incapazes de deter essa avalanche.

Entre nós, também é possível perceber sinais indiscutíveis de que o Redemoinho está se formando. Até o momento, porém, nossos estrategistas — tanto treinadores quanto jogadores — não são ainda suficientemente corajosos para ousar desta maneira.

Assim, o Redemoinho ainda está na sua infância, apesar de muitos treinadores estarem conscientes do fato de que o jogador de futebol e, em grande medida, o craque do presente, é o jogador completo.

Mesmo o goleiro deve treinar todos os fundamentos. Ele não pode tomar parte ativamente do Redemoinho, mas pode colocá-lo em movimento. Ele deverá ser o dono da grande área, o genuíno "terceiro zagueiro" munido de braços e mãos compridas para ser muito superior aos seus companheiros no quesito alcance. O goleiro não deverá ter medo de deixar o gol e dar um chute — ou mesmo cabecear a bola — se necessário. Ele deverá ser treinado como um jogador de linha.

Os outros dez jogadores do time deverão ser completos. Isso não significa que se deva escalar um jogador fora de posição. Mesmo estrelas versáteis têm uma posição, no máximo duas, na qual podem dar o seu melhor. Cada um deve jogar na sua posição.

Anos atrás, descobrimos no atletismo que o grande especialista, normalmente, pode se tornar um grande decatleta. Um jogador de futebol muito bom será quase tão bom em diversas posições e estará longe de ser ruim em qualquer uma delas. No futuro, ele terá de estar apto a cumprir qualquer tarefa, pois essa será a base da nova tática.

Para executar o Redemoinho como uma ação sem interrupções, cada homem deverá ser capaz de assumir, temporariamente, a função de todos os demais jogadores sem dificuldade. O Manchester United, de Matt Busby, fez algo parecido. E, à época, isso era chamado de "Balanço". Muitos times "balançaram" desde então, alguns mais parecendo sofrer espasmos do que balanços. A ideia era fantástica e foi bem-sucedida. Rapidamente, tornou-se estereotipada. Acima de tudo, não era um verdadeiro Redemoinho porque se resumia exclusivamente ao ataque.

Ela tinha ainda outras deficiências. A mais importante, na minha opinião, era que o "Balanço" que conseguia surpreender o adversário era mantido por trinta minutos ou um pouco mais. Naturalmente, o efeito se dissipava rápido. O Redemoinho é um "Balanço" sem pausas, que envolve todos os dez jogadores de linha. Ele é, na verdade, uma série de "Balanços", com os atletas correndo em todas as direções simultaneamente.

O grande perigo inerente à tática é que os jogadores praticando o Redemoinho percam, temporariamente, contato e orientação. Isso poderia acontecer e, em muitos casos, está fadado a acontecer. Mas um time composto de bons jogadores com tempo suficiente para se entrosarem, depois de muitas horas de treinamento e algumas partidas, passará a apresentar um domínio inato e eventualmente entranhado desse musical do jogo, deixando a bola correr de pé em pé.

Eles também precisam correr para estar em posição de receber o novo passe em um instante. A velocidade é sempre menos importante do que a precisão, muito menos vital que a antecipação. Ainda assim, o jogo de amanhã será muito rápido, mas não em prol de uma velocidade que gasta a energia do jogador para levá-lo a lugar nenhum. O jogo sem a bola, a marca do grande jogador de futebol, é ainda mais importante no Redemoinho. Não é possível pensar nele, se o homem com a bola não tiver uma — preferencialmente, duas ou três — opção clara de passe, a todo momento.

Um zagueiro, vendo uma abertura à sua frente, deve aproveitar a

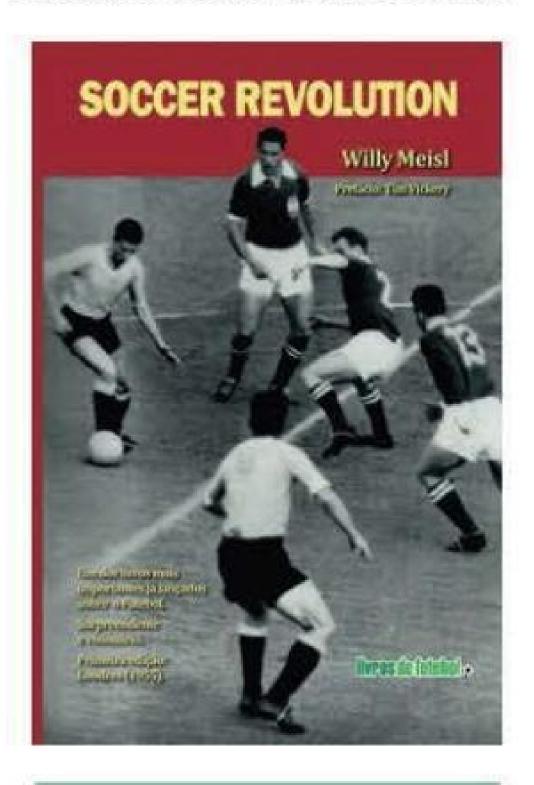
chance sem hesitação. Um ala ou ponta vai recuar, se necessário; e, sendo um jogador completo, não vai se sentir desconfortável ou fora de lugar. Por sua vez, a consciência de que ele também é um atacante capaz dará maior ímpeto ao zagueiro. Saber que quem quer que tenha assumido sua posição, às suas costas, fará um bom trabalho quando a situação exigir também permite a ele continuar com sua ação sem pressa ou nervosismo indevidos. Ele estará perfeitamente seguro de que não deixou um flanco exposto.

Acontecerá o mesmo com qualquer outra troca. Todo jogador deverá sempre dar cobertura aos demais. A formação do time estará em constante rotação, deixando o adversário tonto. Obviamente, devemos ver o mesmo desenvolvimento que observamos na era Chapman. Clubes sem jogadores completos tentarão imitar os grandes times. Porém, diferentemente do "jogo sem riscos" com o "parador", eles descobrirão, rapidamente, que não é possível viver além das suas possibilidades.

No jogo negativo e destrutivo, mesmo times sem Bastins, James, Jacks, Hapgoods, Craystons etc. podem ter um relativo sucesso. No Redemoinho agressivo, construtivo e positivo, você precisa ter homens certos ou estará nas mãos ou pés do adversário.

Como todo jogador, a velocidade de um time deve partir dos cérebros, não das pernas. Os craques húngaros e do Combinado da Fifa, embora ainda não praticassem o Redemoinho, conseguiam ter uma ideia de como ele deveria ser. Em algumas ocasiões, West Bromwich Albion, Manchester United, Portsmouth e, antes, o Tottenham Hotspur nos deram mostras do futebol que está por vir.

Se treinarmos nossos jovens corretamente, treinando um perfeito controle de bola, dez vezes acima de entradas duras, se mostrarmos a eles como o futebol pode e deve ser jogado, deveremos, em breve, nos encontrar de volta no topo da árvore do futebol. Ainda temos mais jogadores de elite — em potencial — do que a maioria das outras nações. Mas não podemos esquecer que o futebol é apenas uma parte do arsenal esportivo de um país. Não é por acaso que nações esportivas de destaque se transformaram também em potências do futebol, como Hungria, Alemanha e Rússia.

Trinta anos atrás, meu irmão Hugo chamou um dos maiores professores de esporte da Alemanha, o antigo campeão Borgmeyer, para Viena. Ele introduziu na Áustria um adequado treinamento de ginástica para jogadores de futebol. O treinamento austríaco foi então modernizado e, a partir de Viena, essa saudável e absolutamente necessária inclusão do atletismo no futebol se espalhou pelo continente e através dos oceanos.

SOCCER REVOLUTION, de Wilhelm Meisl (prefácio de Tim Vickery; tradução de Pedro Muxfeldt; Editora Livros de Futebol; 244 páginas; 60 reais).

À venda por WhatsApp (21) 98859-2908 (frete incluso) ou na Amazon (frete por conta do cliente).

Vamos treinar nossos jovens adequadamente. Todo esporte hoje em dia, seja tênis, futebol, natação ou basquete, tornou-se um jogo de atletas. É claro que, para treinar nossos jovens, devemos dar a eles bons locais de treinamento, começando por campos de futebol e pistas de corridas, sem deixar de lado treinadores e equipamentos necessários.

Em resumo — e sei que estou me dirigindo à nação que deu o esporte ao mundo —, devemos nos tornar uma verdadeira nação esportiva (como muitas outras, atualmente), para estarmos seguros de que nossa melhora no futebol, que parece a caminho, não será apenas fogo de palha.

Devemos libertar a juventude do nosso futebol das amarras do jogo ordenado e em rígidas linhas que temos hoje. Devemos dar a eles ideias e encorajá-los a desenvolverem seus próprios conceitos. Sempre dominamos a arte das entradas duras: eles não precisam estudar isso. Devemos mostrar a eles os melhores jogadores e times do mundo. E deixá-los ver o que podem imitar de seus movimentos para, depois, talvez conseguirem adicionar novas ações aos pensamentos e habilidades adquiridas. Assim, eles vão produzir algo novo — ou, ao menos, original — e que será efetivo por algum tempo.

Se pararmos de ser enganados por companhias limitadas travestidas de clubes esportivos que, frequentemente, se consideram mais importantes que o esporte e o país, se fomentarmos o futebol sem nos prendermos a fórmulas obsoletas de amadorismo, se colocarmos nossa vontade, isto é, a opinião pública, na busca por um novo auge do nosso futebol, devemos alcançá-lo, possivelmente dentro de algumas semanas. ■

FOI ANIMAL!

Nos idos dos anos 1980, ninguém executava o "drible da vaca" como o genial ponta-esquerda Zé Sérgio do São Paulo. Não haveria, portanto, jogador mais afeito a entrar em cena com uma bela ruminante

Luca Castilho

Numa edição anterior de PLACAR, na série destinada a materializar em fotografias expressões populares do futebol, a revista pôs Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro para "jogar como música", de violinos em punhos. E então, em meados de 1983, era a hora de mostrar o "drible da vaca". O escolhido: Zé Sérgio, aos 26 anos, ponta-esquerda do São Paulo, driblador genial, ídolo da criançada. O difícil foi fazer o introvertido craque, tímido vocacional, soltar-se na sessão de fotos.

"Fazer o drible em um marcador era uma coisa, agora em uma vaca foi difícil", ri o jogador, lembrando daquela tarde de calor paulistana. A ruminante alvinegra foi para a cena por obra do fotógrafo Nico Esteves, para quem a palavra "impossível" nunca constou dos dicionários.

Formosa deu trabalho para o são-paulino: "A reportagem ajudou a elevar minha autoestima"

NICO ESTEVES

Quando se mudou para São Paulo, convidado para trabalhar na redação a convite de Juca Kfouri, o gaúcho Esteves optou por comprar uma casa na Granja Viana. "Minhas duas filhas eram pequenas *(Julieta, 3 anos, e Carolina, 4)* e decidi que moraríamos em uma casa, e não em um apartamento, com a ideia de que elas pudessem desfrutar de um amplo espaço para brincar", diz. Foi o que aconteceu. O fotógrafo arrendou um imóvel dentro de uma área de 8 000 metros quadrados, com direito a um gramado de futebol.

Na vizinhança, havia áreas de pasto para pequenos rebanhos, que hoje não existem mais. O profissional então solicitou ao jardineiro que conseguisse uma vaca emprestada. Formosa (e que outro nome poderia ter?) foi a escolhida. E mãos à obra. "Foi tudo combinado e cronometrado, até porque a vaca tinha hora para se recolher, assim como o Zé para voltar à concentração do São Paulo", diz Esteves. "Uma falha, muita demora, e arrumaríamos problemas com os donos do bicho e com a diretoria do São Paulo."

Habituado a tocar a bola de um lado, passar pelo marcador pelo outro e retomar a posse de bola, era recurso que Zé Sérgio executava à perfeição contra zagueiros de escol. Mas o bicho deu trabalho, e por isso ele ainda lembra da dificuldade da encenação. "A vaca ficava de frente e, quando eu tocava a bola, ela virava a cabeça para o lado que eu ia correr *(risos)*", diz Zé Sérgio. "O ano de 1983 não foi um dos meus melhores por uma série de lesões que eu tive e a reportagem ajudou a elevar minha autoestima." ■

MÁGICA TIRADA DA CARTOLA CO

Na semifinal do Brasileiro de 1976, Escurinho e Falcão protagonizaram uma jogada espetacular: uma tabela de cabeça rumo ao gol da classificação

Gabriel Pillar Grossi

O gol foi de Falcão. Mas é impossível falar dele sem dizer que foi uma jogada sensacional ao lado de Escurinho. Os colorados conhecem a sequência de cor. Figueroa avançou sem marcação pelo círculo central. Dario se deslocou e foi receber na entrada da área. Daí para a frente, foram cinco toques sem deixar a bola cair. Dario tocou com o pé direito para Escurinho, que ajeitou de cabeça para Falcão, que devolveu também de cabeça. E veio o momento mágico: Escurinho, no semicírculo, saltou e fez um lançamento para o camisa 5. Na altura da marca do pênalti, o meia se esticou todo e, apesar de o chute não sair forte e preciso, o goleiro Ortiz apenas resvalou na pelota. E mansamente ela morreu no fundo da rede. Na tela, o cronômetro marcava 45m45. O Inter, então campeão brasileiro, estava novamente na final — rumo ao bi.

A partida toda foi digna de uma semifinal de campeonato. Pelo regulamento, a decisão era em jogo único. O Inter tinha melhor campanha e decidia em casa, com mais de 60 000 torcedores no Beira-Rio. Como gostava de fazer, o time começou atacando para o lado esquerdo das cabines de rádio e TV. Afinal, do lado direito tinha saído o gol iluminado de Figueroa um ano antes — contra o Cruzeiro, o zagueiro chileno subiu para marcar o gol do título no exato local em que havia um pequeno raio de sol. No primeiro tempo, Vantuir, também de cabeça, naquela mesma trave, abriu o placar para o Atlético. O então campeão mineiro era um timaço. Além do goleiro argentino, tinha jovens revelações (Toninho Cerezo, Marcelo e Paulo Isidoro) e o veterano Cafuringa no ataque.

Mas o Colorado defendia o título em casa e também contava com um grupo de respeito, que incluía Manga, Figueroa, Marinho Peres, Dario e Lula. Falcão era o líder do meio-campo e Escurinho uma espécie de amuleto da torcida. Em geral, começava no banco, mas entrava no segundo tempo para decidir. Já tinha marcado vários gols em Grenais — até hoje é considerado um dos maiores cabeceadores da história do Inter. Assim, aos 27 minutos do segundo tempo, o meia Batista pegou um rebote na entrada da área, dominou e chutou de direita, no ângulo. Os dezoito minutos seguintes foram tensos, muitos já achando que a decisão só sairia nos pênaltis. Até que Figueroa alçou aquela bola para Dadá.

Em 2004, Falcão disse numa entrevista ao jornal *Zero Hora:* "Foi uma tabela como a gente treinava. Quando o Escurinho me passou de cabeça, eu senti que daria certo. Devolvi e recebi na frente. Tive de me esticar e alcancei a bola com o bico da chuteira". Na celebração dos cinquenta anos do Beira-Rio, em 2019, uma votação com torcedores elegeu aquela inesperada e fabulosa tabela de cabeça como o gol mais bonito do Inter no estádio. Era o dia 5 de dezembro de 1976 e uma semana depois o time confirmou o favoritismo, bateu o Corinthians por 2 a 0 e se tornou bicampeão brasileiro. Escurinho, nascido Luís Carlos Machado, morreu em 2011, aos 61 anos. Nunca mais será esquecido — especialmente por aqueles segundos inacreditáveis. Pena essas páginas de PLACAR não terem movimento. Compensação: é fácil de achar no YouTube o momento eternizado. ■

O bi da Champions em 1980: liderado pelo goleiro Shilton *(de verde)*

EM NOME DE ROBIN HOOD

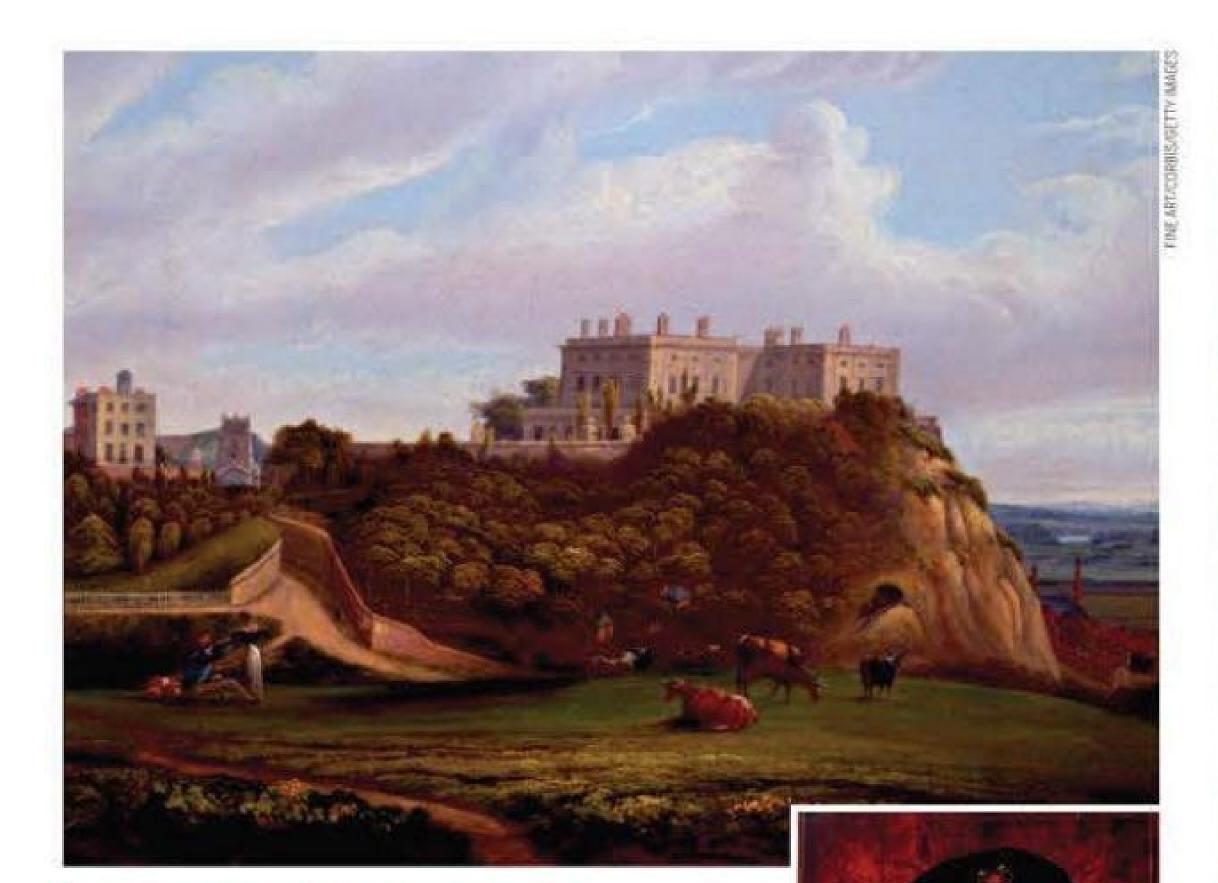
O Nottingham Forest, time da cidade natal do "príncipe dos ladrões", reinou na Europa por dois anos seguidos na época em que apenas os campeões de cada país disputavam a hoje badalada e globalizada Champions League

Na Champions deste ano, os times participantes já levantaram o troféu em 56 das 66 edições do torneio. Nas outras dez ocasiões, a taça ficou com equipes que, claro, já venceram os campeonatos nacionais, mas perderam espaço com a globalização do jogo. Nessa lista, o único a conquistar duas vezes a orelhuda é o inglês Nottingham Forest, campeão em 1979 e 1980.

O time tinha quatro estrelas: no gol, Peter Shilton, o arqueiro que mais vezes defendeu o English Team, entre 1970 e 1990. No meio, o escocês John Robertson, comandante do país na Copa de 1982. No ataque, Trevor Francis, que também brilhou pelo Manchester City, pela Sampdoria, da Itália, e pela seleção inglesa. E, no banco, o técnico Brian Clough *(leia mais na pág. ao lado)*.

Estavam todos no lugar certo e na hora certa. O Nottingham subiu da segunda para a primeira divisão e logo no primeiro ano, 1978, ganhou o título do Campeonato Inglês. Assim, adquiriu o direito de disputar a então Copa dos Campeões. E atropelou todo mundo por dois anos seguidos. Venceu as duas finais por 1 a 0. Em 1979, bateu o Malmö. E, no ano seguinte, o Hamburgo. O time esteve pela última vez na Premier League na temporada 1998-1999. De lá para cá, amargou um ano na terceira divisão e desde 2006 está de volta à segunda, conhecida como Championship. ■

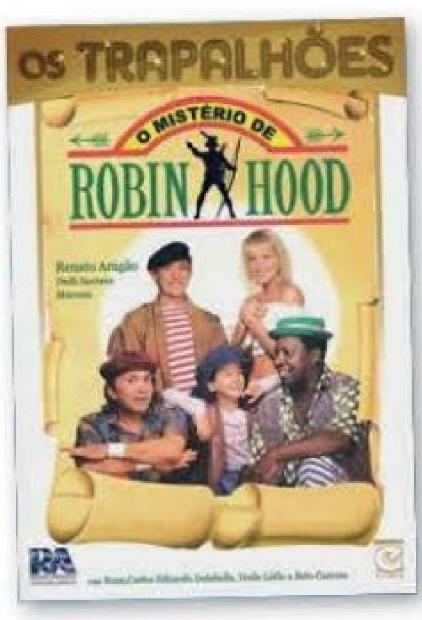
FINE ART/CORBIS/GETTY IMAGES

MARK LEECH/GETTY IMAGES

Um monarca para lá de controverso
Ricardo III comandou a Inglaterra de 1483 a 1485. Morreu na Batalha de Bosworth Field, que pôs fim à Guerra das Rosas e à dinastia dos Plantagenet. Sua ossada foi encontrada em 2013, na vizinha Leicester. Mas a fama do rei nunca foi boa. William Shakespeare retratou-o como o tirano corcunda que matou os dois sobrinhos para se tornar o primeiro na linha de sucessão ao trono. Comandava seus súditos do Castelo de Nottingham, atração turística.

PETER ROBINSON/EMPICS/GETTY IMAGES

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/GETTY IMAGES

O comandante
Brian Clough foi jogador antes de virar técnico. Comandou o Nottingham Forest de 1975 a 1993. Morreu em 2004, aos 69 anos. No centro da cidade, há uma estátua em sua homenagem.

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

Ladrão do bem
O príncipe dos ladrões, que viveu há 700 anos, é o filho famoso de Nottingham. Ele teve sua história retratada em cerca de vinte filmes — um deles com Xuxa e Os Trapalhões.

PATTI NICKELL/LEXINGTON HERALD/TNS/GETTY IMAGES

Drinque lendário e antiquíssimo
O pub mais antigo da Inglaterra está em Nottingham. É o **Ye Olde Trip to Jerusalem** e foi fundado em 1189 como uma pousada. Tinha esse nome para atrair os cruzados que sonhavam chegar à Terra Santa.

CADÊ O ESCUDO QUE ESTAVA AQUI?

Times europeus lançam terceiro uniforme tendo apenas o nome do clube escrito no peito, provocando (é claro) amor e ódio

GETTY IMAGES

Os modelos de 2021 e 1975 do Borussia Dortmund: tese de releitura histórica não convenceu

Luiz Felipe Castro

Quarta-feira, 15 de setembro, primeira rodada da Champions. Pelo Grupo C, o Borussia Dormund conseguiu uma valiosa vitória de 2 a 1 sobre o Besiktas, em Istambul. No entanto, nas redes sociais, o clima entre os fanáticos alemães era de espanto e revolta com uma ausência. Não se tratava do artilheiro Erling Haaland ou de qualquer outro ídolo aurinegro, mas do que os clubes têm de mais representativo: o seu escudo. O arredondado logo amarelo do time deu lugar a duas linhas pretas no peito, preenchidas pelas iniciais do Dortmund, "BVB 09". Deu-se uma enorme confusão — na verdade, uma tragédia anunciada.

O novo design para uniformes número 3 (que no caso de algumas Copas acaba virando o titular) proposto pela fornecedora de material esportiva Puma já circulava em sites especializados meses antes. Importantes clubes do continente, como Manchester City, Milan, Fernerbahçe, Olympique de Marselha, PSV, Valencia e Shakhtar Donetsk, entre outros, também tiveram seus escudos substituídos pelas faixas da discórdia (sempre com o nome por extenso da equipe escrito). Muitos torcedores gostaram, outros acharam um horror.

Os torcedores do Dortmund se anteciparam e avisaram, antes mesmo do lançamento, que não aceitariam a mudança. Na ocasião, a diretoria respondeu que os protótipos que circulavam nas redes (com a palavra "Dortmund" no peito) não correspondiam ao modelo verdadeiro. No dia em que a Puma lançou oficialmente a coleção, não constava a famosa camisa amarela, dando a entender que os fãs haviam vencido a queda de braço.

Doce ilusão. O que houve foi uma alteração de última hora, a inclusão das iniciais BVB 09, repetindo um modelo usado na década de 70, na esperança de acalmar os ânimos. Não funcionou, e a Puma, tão alemã quanto o Dortmund, teve de se desculpar publicamente. "Levaremos o feedback em consideração ao projetar futuros kits", prometeu Bjorn Gulden, ex-jogador e presidente da marca.

A justificativa pode não ter colado, mas camisas sem brasão não são propriamente uma novidade. Na Itália, o *scudetto* (um emblema com as cores da bandeira do país) era usado pelo campeão do ano anterior justamente em substituição ao escudo do time. Na liga inglesa também foi comum ver camisas lisas nas décadas de 60 e 70. Na Euro 2020, a Puma já havia feito um ensaio dessa tendência nas vestimentas reservas de Suíça, Áustria, República Checa e da campeã Itália. Carl Tuffley, chefe-sênior da equipe de design, disse que o objetivo da linha era "desafiar o senso comum, sair do simples, expandir os limites ao máximo e ver os uniformes por outra óptica". Traduzindo: queriam fazer barulho. Neste caso, acertaram em cheio. ■

PUMA/DIVULGAÇÃO

Coleção da Puma: "Nosso objetivo era desafiar o senso comum, sair do simples"

CARLOS NAMBA

LEO DRUMOND/FOLHAPRESS

O féretro do treinador no Cemitério Parque da Colina, em Belo Horizonte: futebol ofensivo

MESTRE MINEIRO

Faz falta ao Brasil um treinador como Telê Santana, um tanto cabeça-dura, sim, mas genial ao montar equipes que buscavam o gol

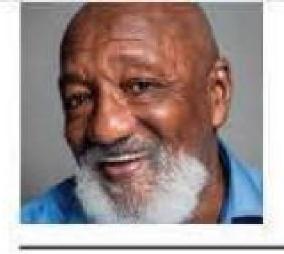
Luca Castilho

De Telê Santana, o Fio de Esperança do Fluminense que se tornaria um dos grandes treinadores do Brasil, nunca se pôde acusá-lo de montar equipes medrosas. E, no entanto, o genial Zé da Galera criado por Jô Soares gritava, esbaforido, em 1982: "Bota ponta, Telê". E o mineiro de poucos sorrisos nem quis saber. Havia Éder, sim, ponta-esquerda de origem, mas na direita, não. E como reclamar daquela formação com Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico do meio para a frente — e Serginho, o controverso centroavante de ofício? O Brasil inteiro pedia ponta, na voz do mais popular dos humoristas. E daí? Telê cismava com uma ideia e dela não saía. Era o seu jeito, e deu certo — apesar da decepção com a derrota para a Itália de Paolo Rossi.

Nascido em 26 de julho de 1931 no pequeno município de Itabirito (MG), Telê começou no futebol como goleiro do time local, aos 14 anos. Virou atacante e, quando jogava pelo São João del-Rei (clube que era presidido por seu pai), foi descoberto pelo Fluminense. Atuando como ponta-direita, fez 557 partidas e marcou 165 gols pelo tricolor das Laranjeiras. Mas foi à beira do campo que ganhou notoriedade. Em 1969 foi campeão carioca pelo Fluminense. Em 1971 levou o Atlético-MG a seu primeiro título brasileiro. No Grêmio, campeão gaúcho de 1977, pavimentou a estrada que o levaria à seleção em 1980. Derrotado em 1982 e 1986, seguiu em frente com times sempre surpreendentes, muito bem organizados, com fome de gols — mas talvez exageradamente frágeis na defesa. Tinha injusta, injustíssima, fama de pé-frio.

Depois de uma rápida passagem pelo Palmeiras, em 1990, chegou ao São Paulo no mesmo ano. Nas temporadas seguintes, comandou a mais vitoriosa série de conquistas da história do clube: o Brasileirão de 1991, os estaduais de 1991 e 1992, o bicampeonato da Libertadores e do Mundial interclubes, em 1992 e 1993, a Supercopa da Libertadores, em 1993, além da Recopa Sul-Americana, em 1993 e 1994, e a taça Conmebol, em 1994. Virou, para sempre, o mestre Telê.

No início de 1996, um exame de rotina revelou uma isquemia cerebral que acabou selando sua aposentadoria precoce. Diabético e com dificuldades de fala e locomoção, voltou com a mulher e os dois filhos para Minas. No fim de março de 2006, foi internado para tratar uma infecção no intestino grosso. Ficou 28 dias no hospital e não resistiu. Morreu em 21 de abril, aos 74 anos. O enterro, no Cemitério Parque da Colina, em Belo Horizonte, reuniu milhares de torcedores do Galo e do São Paulo, além de ex-jogadores, como o goleiro Zetti, o meia Toninho Cerezo e o zagueiro Luizinho. Em 2019, numa lista publicada pela revista francesa *France Football*, Telê Santana foi escolhido o 35º melhor técnico de futebol de todos os tempos. Foi o único brasileiro a constar da eleição. Telê faz falta. ■

PAULO CEZAR CAJU

UMA LÁGRIMA POR ELES TODOS

Quer saber? Prefiro finais de brasileiros contra argentinos, uruguaios, colombianos, peruanos, chilenos... Fico triste com o momento vivido pelos nossos adversários

> **Torço para que essa fase termine logo e tenhamos finais mais contagiantes"**

As finais da Sul-Americana e Libertadores comprovam a decadência de nossos adversários dos países vizinhos. As Eliminatórias já vêm nos mostrando isso. O Santos chegou à final da última Libertadores com um time fraquíssimo e o Palmeiras tenta o bicampeonato com um grupo que ainda não me convenceu. Com Bruno Henrique de um lado e Dudu do outro, imagino um jogo altamente ofensivo e isso já fará muita diferença porque o torcedor não suporta mais esse show de retranca em que se transformou o futebol brasileiro. Mas, quer saber, prefiro finais de brasileiros contra argentinos, uruguaios, colombianos, peruanos, chilenos, equatorianos.... Fico triste com o momento vivido por nossos, outrora, grandes adversários. Li que o treinador argentino Edgardo Bauza se aposentou. Pena, tinha a cara da Libertadores. E toda competição tradicional carece desses personagens e, principalmente, de craques, ídolos. Bauza ganhou duas Libertadores, por LDU e San Lorenzo, e chegou às semifinais com Rosario Central, LDU, San Lorenzo e São Paulo. Sinto falta dos grandes nomes argentinos, os que valorizavam a competição, como Riquelme, terror dos clubes brasileiros, com três Libertadores pelo Boca Juniors. Verón brilhava no Estudiantes de La Plata, ganhou uma Libertadores e dava gosto ver jogar. E o uruguaio Luis Cubilla, que venceu a Libertadores como jogador e técnico? Grande personagem! Na década de 70, tivemos El Bocha, tricampeão da Libertadores. São incontáveis nomes.

Riquelme, o espetacular meia do Boca Juniors: três Libertadores

ALEJANDRO PAGNI/AFP

Para quem ama o futebol, é ruim demais ver um River, um Boca, um Independiente, um Nacional e um Peñarol sendo presas fáceis. Na minha época, esses times davam um trabalho danado! Só para ter noção, o Independiente conquistou a Libertadores sete vezes (1964, 1965, 1972, 1973, 1974, 1975 e 1984), o Peñarol levantou o troféu em cinco edições (1960, 1961, 1966, 1982, 1987) e o Nacional, em três oportunidades (1971, 1980, 1988). A rivalidade é fundamental para o crescimento do futebol e a troca saudável entre as torcidas. E, cá entre nós, os argentinos são bem mais fanáticos que os brasileiros no quesito futebol. Eles incendeiam, provocam e são uma escola fantástica. Torço para que essa fase termine logo e tenhamos finais mais contagiantes. ■